

1001 DARK NIGHTS

THE BED MATE

A Room Mate Novella

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

KENDALL RYAN

PL
APRESENTA

the BED mate

SÉRIE ROOMMATES

Livro 3.5



KENDALL RYAN

Equipe PL



Tradução: Ana R.

Revisão Inicial: Jessica Markab, Bruna

Revisão Final: Bruna

Leitura Final: Anna Azulzinha

Formatação: Lola

Verificação: Lola

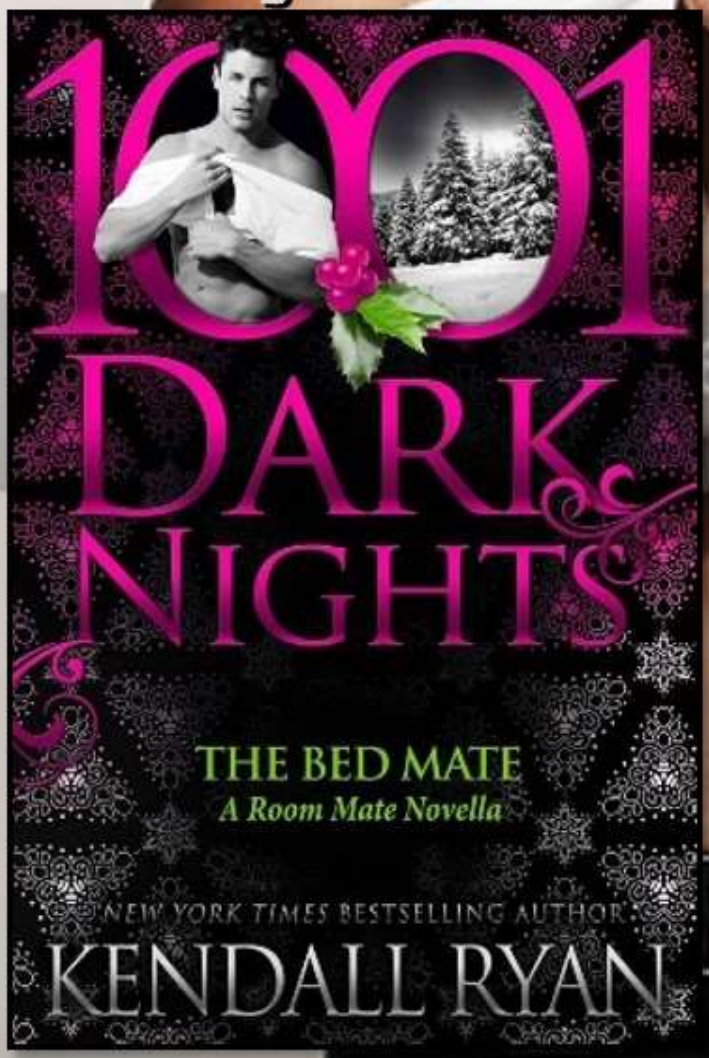
P L
APRESENTA

SÉRIE ROOMMATES

Em breve

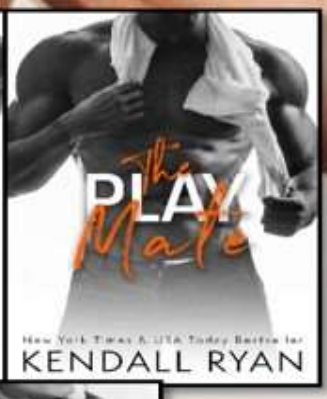


Lançamento



Distribuídos







Sinopse

Eu sou um cara normal, mas nestes últimos anos a minha vida amorosa tem sido tudo menos isso. De ex-namoradas loucas até ficantes que são perseguidoras, meus relacionamentos dão errado mais rápido do que um piscar de olhos. A única constante tem sido a minha melhor amiga, Maggie.

Por ter terminado recentemente um relacionamento de forma ruim, convido Maggie para um final de semana de esqui com meus amigos, sabendo que ela precisa fugir da realidade. Mas então algo estranho começa a acontecer. Começo a reparar em coisas nela que nunca notei antes.

Ela é linda e não sabe, é engraçada sem sequer tentar e agora está solteira pela primeira vez em muito tempo.

Dividir um quarto de hotel com ela revela-se o ponto de mudança na nossa amizade platônica. De repente eu quero colocar as minhas mãos, minha boca e ... outras partes... por todo o seu lindo corpo. Quero tomá-la para mim, certificar-me de que nenhum homem a toque novamente.

Mas será que estou pronto para estragar o melhor relacionamento que tive pela chance de algo mais?

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."

Favor não publicar nossos arquivos no Facebook!

Se você viu algum livro do PL no face, sem a nossa autorização, converse com a moderação.

Se você gosta dos livros feitos pelo PL ajude!!!

Quem gosta respeita nosso grupo!

Não publica diretamente no face, expondo ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!

Não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pégasus Lançamentos



Capítulo Um

Maggie

— Quinto bar da noite! — A fala de Jeremy estava arrastada, mas seus olhos estavam cheios de uma alegria profana.

— Com certeza — Peter concordou com um grunhido, estendendo a mão para que Jeremy batesse, mas ele falhou, balançando descontroladamente e quase caindo da cadeira.

Excelente.

Revirei os olhos e tomei um gole da minha vodca com refrigerante, olhando de canto de olho para ver a expressão de Sam. Ele não estava bêbado como seus outros dois amigos, ele era responsável demais para permitir-se ficar bêbado em público. Mas eu sabia que os outros dois, com mais um drink, iam me dizer chorando o quanto nossa amizade era importante para eles e eu não queria estar por perto quando acontecesse.

— Talvez devêssemos ir embora. — Murmurei para Sam, apontando com um polegar por cima do ombro em direção a nossos companheiros bêbados. — Esses dois podem pegar uma carona, não é?

— Espere, espere, espere. — Jeremy levantou uma mão e depois deu um tapa no próprio colo. — Não alcançamos o objetivo da noite.

— Sim. — Peter concordou, fazendo um brinde cerveja com cerveja com Jeremy.

— Talvez seja melhor conversarmos sobre isso outra noite. — Sam disse com um sorriso paciente.

Eu balancei minha cabeça e suspirei.

— Qual é o objetivo da noite?

Sam revirou os olhos.

— É como os meus amigos gênios chamam a nossa viagem para esquiar.

— Não exatamente. — Jeremy olhou para Sam e, em seguida, virou-se para mim. — O objetivo desta noite seria convencer você a ir. Peter e eu imaginamos que se déssemos bebida o suficiente para você, talvez pudesse reconsiderar.

Brinquei com minha bebida e franzi a testa.

— E como vocês acham que o plano está indo até agora?

— Diga-me você. — Jeremy comicamente arqueou as sobrancelhas. — Não quer passar mais tempo conosco nas montanhas cobertas de neve do Colorado?

— Por mais incrível que pareça, não. — Sorri e tomei minha bebida.

— Vamos. Não faz ideia de como é legal esquiar. — Peter protestou. — É como o céu na terra.

— Também não faço ideia do que sentiria se quebrasse a perna, mas não quero descobrir. — Contrapus facilmente, tomando outro gole da bebida. — Você sabia que mais de quarenta pessoas morreram no ano passado praticando esqui? Uma pessoa que vai à uma montanha vinte vezes por ano fica susceptível a ser ferido uma vez a cada sete anos. Você não pode discutir com as estatísticas.

— *Pode* ser divertido... — Sam argumentou com um encolher de ombros.

— Quebrar meu fêmur após cair descontroladamente de uma montanha? Acho que não.

Sam me deu um olhar cético.

— Não essa parte, bobinha. Quis dizer a viagem. Esses caras nem sempre estão certos, mas você deveria vir. Vamos virar o ano novo em grande estilo. Banheiras de água quente e chocolate quente no país das maravilhas do inverno.

— Você não entendeu as estatísticas que te mandei na última vez que tentou me convencer a ir esquiar? — Perguntei.

— Alguns de nós não vivem a vidas pelos números. — Disse Sam, a provocação fazendo seus olhos brilharem.

Pare com isso, idiota.

Melhores amigos não deveriam notar coisas assim um no outro. É estranho.

— Não vejo o que há de errado com isso. — Dei de ombros, me sentindo de repente com calor apesar da relativa frieza do bar.

— Vamos lá, Mags. Se arrisque um pouco. — Aqueles olhos me encararam e pude sentir minha determinação enfraquecendo. Eu odiava dizer não a ele, até mesmo quando seu estilo de vida arriscado ameaçava meu casulo de segurança. Nós éramos tão diferentes quanto o dia e a noite, mas por algum motivo, nos demos bem, me sentia mais à vontade perto dele do que de qualquer outra pessoa.

Senti uma pontada de culpa.

— Realmente não posso. Trevor e eu provavelmente temos planos, só não consigo lembrar quais são agora. — Dei a velha desculpa esfarrapada e Sam olhou para seus outros amigos antes de voltar a atenção para mim.

— Certo. Trevor. Ei, você precisa de outra bebida? Ou uma água? — Ele apontou para meu copo vazio.

— Não. — Respondi. — Estou pronta para ir se você achar que a dupla dinâmica aqui ficará bem sem nós para tomar conta deles. — Sinalizei com a cabeça em direção a Peter e Jeremy e Sam riu.

— Vamos embora, pessoal. Vou dar uma carona para vocês. — Ele pegou o casaco na parte de trás da cadeira e jogou sobre os meus ombros antes de chamar os amigos para se juntarem a nós, enquanto íamos pagar a conta.

— Vou pagar a dela e a minha. — Sam disse para o garçom. Eu protestei, levantando a mão, mas ele entregou o dinheiro antes que tivesse a chance de argumentar.

— Você não precisa fazer isso. — Disse.

— Eu acho que aguento uma vodca com refrigerante na minha conta. — Sam deu o sorriso confiante que sempre fez todas as meninas se derreterem.

Os outros caras pagaram suas contas e juntos fomos para a enorme caminhonete de Sam. Ainda reclamando, os dois rapazes pularam nos bancos de trás da cabine estendida enquanto tomei meu lugar na frente e abri a janela para sentir o ar fresco do inverno.

— Vai nevar. — Observei.

— É melhor que neve mesmo. Se eu não levar meus sobrinhos para andar de trenó em breve, eles vão me matar. — Murmurou Jeremy.

Balancei a cabeça.

— Você está com sorte, então. Sei que vai nevar.

Respirei bem fundo. Os esportes de inverno não eram minha coisa favorita, mas não havia nada que eu gostasse mais do que o cheiro no ar antes da neve. Lembrava-me do Natal ou uma noite aconchegante na frente da lareira com um livro em uma mão e caneca de chocolate quente na outra. Todas as coisas que fazem parte do inverno na costa leste, a melhor época do ano.

— Você vai congelar com a janela aberta assim. — Advertiu Sam.

— Rá! Quem é o conservador agora? — Cruzei meus braços sobre o peito, triunfante. — Sério, você sabe como eu amo esse cheiro. Deixe-me mantê-la aberta por mais um minuto. — Implorei.

Ele riu e acenou como eu sabia que faria.

Nós passamos pelo apartamento de Jeremy e Peter primeiro, depois de certificar-nos de que eles estavam com os celulares, carteiras e chaves, os deixamos. Silenciosamente, observamos ele irem para a porta da frente enquanto começava a nevar. Quando os dois sumiram atrás das largas portas de metal do prédio, me virei para Sam novamente.

— Nunca mais faça isso sem me avisar antes. — Disse categoricamente.

— Convidar eles? — Sam riu. — Eu sei. Na verdade, não sabia que eles viriam com certeza até o último minuto, ou teria te avisado. Eles estavam fora do normal hoje à noite.

Eu ri.

— Pode-se dizer que sim. Nunca vi Jeremy dar o número dele a tantas mulheres em uma noite.

— Nunca vi as mulheres se livrando dele tão rápido, também. — Sam falou com diversão.

—Ele se daria melhor se mudasse suas táticas de conquista. — Disse e fechei a janela.

— Eu o ouvi dizer para aquela ruiva perto do jukebox que ela se parecia com sua primeira esposa.

— Eita. — Falei rindo, mas fiz uma pausa. — Espere... ele nunca foi casado, foi?

Sam me deu um sorriso irônico.

— Exatamente.

Cobri os olhos com o meu braço e gemi.

— Poxa. Jeremy, por que?

Pelo restante da viagem para minha casa, esquecemos o resto da noite e conversamos confortavelmente.

Entramos na minha rua e pânico tomou conta de mim até me lembrar que Trevor não estaria me esperando. Ele pediu para ficar esta noite, mas eu o dispensei. A sensação de alívio que senti não era boa para meu relacionamento atual e jurei que amanhã, finalmente, faria o que tinha adiado por meses.

A velha e verdadeira lista de prós e contras.

Quando Sam estacionou na calçada em frente ao meu prédio, estava me sentindo mais determinada e menos como um lixo.

— Não estou cansada. Quer entrar e assistir a filmes ruins de Natal comigo?

— O Natal já passou.

— Nunca é cedo demais para começar o próximo ano. — Argumentei. Sam conhecia a minha enorme coleção de filmes de Natal e sabia até os meus preferidos.

Eu começava a assistir a minha coleção em meados de outubro, iniciando a temporada com *O Estranho Mundo de Jack*, mas a esta altura do ano, já no meio de janeiro?

Era um novo filme todas as noites. Ainda tinha muita coisa para assistir.

— Além disso, tenho algo para você. — Adicionei, tentando o convencer, no caso de minha promessa de um filme horrível não ser o suficiente.

— Você quebrou nossa regra novamente, não é? — Sam perguntou.

Sorri.

— Você vai gostar do presente.

— Eu sempre gosto do meu presente, mas você não deveria me comprar um. Tínhamos um acordo. E, novamente, um lembrete rápido... O Natal já passou.

— Exatamente. Para não quebrar as regras. É um presente de aniversário adiantado. E você vai gostar. Tipo, realmente amar.

— Bem, então você pode me entregar em fevereiro, no meu aniversário. — Sam deu um meio-sorriso torto enquanto encarava a estrada a frente dele e sabia que havia conseguido convencê-lo. — E entenda que, quando você me presenteia, torna muito difícil para mim dar-lhe algo à altura.

— Não sei o que quer dizer. — Disse, apertando o casaco emprestado ao meu redor.

— Sabe, sim. — Disse ele, dando-me um olhar incrédulo. — Você é a melhor pessoa do mundo em dar presentes. Ninguém se compara.

Comecei a abrir a porta do carro enquanto ele desligava a ignição.

— A melhor do mundo é um pouco exagerado. — Acrescentei enquanto passávamos pela neve caindo suavemente em direção às portas duplas.

— Não é. — Ele argumentou, segurando a porta aberta para mim e depois entrando. — Como o presente do ano passado...

— Eu só presto atenção, isso é tudo. — Dei de ombros.

— Mas quem mais conseguiria a réplica exata de sua coleção de trens da época de criança? Você entrou em contato com a minha mãe pelas minhas costas e pegou as fotos. — Sam me lembrou enquanto entravamos no elevador.

Apertei o botão para o terceiro andar e franzi a testa.

— Seus presentes também são atenciosos. Eu amo os meus kits de produtos para banho. Agora tenho uma fragrância para cada ocasião.

Isso era verdade. Em cada aniversário, feriado ou ocasião especial nos últimos oito anos, Sam deu-me um tipo diferente de sabonete e kit de loções. No começo me perguntei

se ele me achava fedida, mas aprendi a lidar com isso. Esse era o lado doce do Sam.

Caminhamos até o átrio e paramos na minha porta. Pus a chave na fechadura e virei-me, dando-lhe um rápido olhar.

— Falando em presentes, o que você comprou para Melanie? — Perguntei enquanto abria a porta. Entramos e ele foi direto para o minibar que eu havia criado, era um carrinho cheio de copos de vidro e garrafas de todas as formas e tamanhos.

Sam serviu para si um copo do uísque que eu guardava especialmente para ele e tomou dois dedos dele antes de passar a mão por seus cabelos escuros.

— Não importa.

— Por que não? Aposto que ela amaria...

— Nós terminamos há alguns dias. — Confessou, de uma maneira abrupta que nunca ouvi antes.

Meus ombros caíram e sentei-me no meu sofá com um suspiro. Parecia que eu não era a única com problemas no departamento de romances.

— O que quer dizer? Como assim?

— Não estava dando certo. — Ele encolheu os amplos ombros e tomou mais um gole. — Você quer? — Perguntou, gesticulando para a garrafa de vodca.

Eu ignorei sua tentativa de mudar de assunto e pressionei mais.

— Não entendi, Sam. Por que? Ela era tão legal. E eu pensei que você gostava dela.

— Eu gostava dela. Tivemos alguns... problemas.

— Que tipo de problema? — Pressionei.

Houve uma longa pausa e Sam usou o tempo para encarar seu copo de vodca como se ele tivesse as respostas para as questões mais profundas da vida. Finalmente, virou-se para me encarar.

— Diferenças irreconciliáveis. — O tom de finalidade em sua voz era uma indicação clara de que, por mais que ele estivesse preocupado, o assunto estava encerrado, mas droga, uma pessoa não esconde coisas assim de sua melhor amiga durante dias sem uma boa razão.

— Por que você não quer falar no assunto? — Perguntei gentilmente, batendo no espaço vago ao meu lado. — Vamos lá, sou eu. Converse comigo, Sam.

Ele me olhou por cima do copo, tomou um gole e então soltou um suspiro profundo.

— Se você jurar que vai parar de me questionar, eu conto. Mas lembre-se, você que perguntou.

Sentou-se no sofá, mantendo uma distância segura entre nós.

— Houve alguns problemas no quarto.

— Eu... entendo. — Disse, ignorando minhas bochechas vermelhas.

Por mais próximos que fossemos, Sam e eu raramente falávamos sobre sexo, tirando as piadas obscenas. Nossas vidas sexuais eram algo que nós dois tacitamente mantínhamos privadas. E agora, enquanto eu estava encarando-o, percebi o porquê. Com certeza, Melanie era legal. Mas quando a imaginei na cama de Sam, toda aconchegada contra ele, com cada pedacinho de seu corpo nu tocando cada pedacinho dele?

Me senti mal por dentro e não gostei nem um pouco.

— Que tipo de problemas? — Aventurei-me finalmente. Afinal fora eu quem iniciou o assunto e agora que finalmente havia coagido Sam a falar, parecia educado certificar-me de que ele sabia que se quisesse continuar falando, eu o ouviria.

— Eu só queria fazer sexo mais do que ela queria, isso é tudo.

— De maneira geral ou quatro vezes ao dia loucamente?

Ele olhou para mim como se estivesse de repente maluca.

— O quê? É uma pergunta séria. — Me defendi.

— Por que você imagina isso de mim? — Ele perguntou, passando o dedo pela borda do copo. — Não, eu só queria, não sei, algumas vezes por semana? Talvez que ela tomasse a iniciativa as vezes?

Uma imagem de mim na porta do quarto de Sam sem nada além de uma lingerie surgiu em minha mente e eu mandei-a embora imediatamente.

Engoli para umedecer minha garganta seca e assenti.

— Isso parece bom, na verdade. Muito razoável. — Desajeitadamente acariciei seu braço. — Estou passando pela mesma situação com Trevor. — Adicionei.

Por que disse isso? Era verdade, mas Jesus, já tínhamos ultrapassado uma barreira invisível esta noite. Era como se estivesse tentando tonar isso tão esquisito quanto possível para nós dois.

Um silêncio desconfortável se estabeleceu e Sam tomou mais um gole da bebida e, em seguida, pousou o copo na mesa ao lado dele.

— Sério? Não consigo imaginar... — Falou, sua voz soando baixa e rouca, antes que ele limpasse a garganta. — As coisas estão bem entre vocês?

— Ele simplesmente não está interessado por alguma razão.

O que não me incomodei em acrescentar foi que eu praticamente não me importava mais. Tive a impressão de que a lista de amanhã seria lamentavelmente curta.

O olhar de Sam demorou-se no meu rosto.

—Tenho certeza que vocês resolverão tudo. — Ele disse, dando um tapinha em meu joelho junto de um forçado sorriso brilhante. — Qual o filme de hoje? "*As Gêmeas da Sorte?*"

Tirei o casaco que ainda estava usando e joguei-o sobre a cadeira em frente nós enquanto ficava de pé.

— Não, já assisti ele duas vezes esse ano. Hoje é "*Afinados no Natal*".

— Ah Não. — Sam gemeu.

— Vamos lá, Sammy. — Apontei para a TV enquanto ia para o quarto, falando com ele por cima do ombro. — Você entra no Netflix enquanto me troco?

Levei mais tempo do que deveria vestindo meu pijama, porque ainda estava me sentindo estranha e instável, mas quando voltei, já havia me controlado.

Estamos deitados próximos um do outro, pronto para voltar à nossa rotina regular e confortável.

E ainda assim, quando o filme começou, não pude evitar pensar no que Sam disse.

Se a quantidade de sexo no relacionamento era um motivo de término para ele, talvez devesse ser para mim também. Eu vivia uma vida segura e chata por opção. Se tirasse o sexo da equação, iria apenas cochilar pelos próximos anos sessenta.

Isso não funcionaria para mim.

Nova prioridade para amanhã?

Descobrir o que estava acontecendo dentro da cabeça de Trevor para decidir se fazer uma lista de prós e contras valia mesmo a pena. Porque essa conserva estranha com meu melhor amigo há alguns minutos?

Fora a coisa mais sexy que acontecera comigo em muito tempo.

Isso não era bom.



Capítulo Dois

Sam

Levou cerca de dez minutos depois de iniciado o filme para Maggie se enrolar, deitar a cabeça no meu colo e dormir.

Caracóis castanhos estavam espalhados pela minha coxa e eu a observei enquanto tomava o uísque, novamente pensando sobre o que ela dissera mais cedo.

A ideia de que ela estava sendo privada de sexo instantaneamente fez meu cérebro se descontrolar e meu pau se contorcer com antecipação. Era por isso que, sempre que possível, evitava esse assunto com ela. Só me deixava ardente de desejo e meu cérebro pulsando com pensamentos sujos. Deus sabia que a última coisa que queria saber era sua vida sexual com Trevor.

Maldito Trevor.

Nunca gostei do cara, mas ele estava rondando a anos como uma videira em uma árvore que lentamente suga a vida

dela. Não que Maggie tenha mudado por causa de Trevor. Ela era rocha sólida. Sempre foi a mesma pessoa incrível e o relacionamento dela não ficou no caminho de nossa amizade. Ele apenas não a fazia feliz.

Não do jeito que deveria.

Não da maneira que poderia fazer.

O amor dela por todas as coisas de Natal? Trevor odiava. Ele era um cara do Halloween e se recusava a reconhecer a temporada de natal até que chegasse 25 de dezembro. Ela não tinha permissão para assistir filmes de Natal perto dele, também. O que era aquilo? *Muita alegria para você, Trevor?* Eu sempre quis perguntar-lhe isso sarcasticamente.

Mas era mais que isso. Quando estávamos todos juntos, ele era como um cão de caça, monitorando constantemente Maggie. Vendo o quanto ela estava bebendo ou reprimindo lhe um olhar se ela pedisse algo muito caro do menu. Ela levava tudo com calma, mas eu notava. Como notei que ele nunca abriu a porta para ela e nunca lhe deu flores.

Eram pequenas coisas. E Trevor nunca prestou atenção nas pequenas coisas. Mas agora, ele também não estava cuidando das coisas mais importantes.

Isso era um problema sério. Era uma coisa esquecer as flores, mas não fazer o seu melhor para certificar-se de que sua mulher goze até ficar rouca de gritar pelo menos duas vezes por semana?

Quase como se pudesse ouvir meus pensamentos, Maggie moveu-se no meu colo, abrindo e fechando os lábios

carnudos durante o sono enquanto aproximava-se mais da minha virilha dolorida.

Porra, eu tinha que sair daqui e rápido, antes que ela acordasse e percebesse o que exatamente ela causara em mim.

Tomando cuidado para não a perturbar, afastei-me e apoiei sua cabeça em um travesseiro. Fui até o armário e peguei um cobertor macio, o colocando delicadamente sobre ela antes sair pela porta, certificando-me de trancá-la com minha chave reserva.

Meu prédio ficava a apenas um quarteirão de distância e a nevasca ainda não estava muito forte, então optei por ir a pé e deixar minha caminhonete para trás na esperança de que o ar frio fizesse eu e meu pau se comportarem.

Com as mãos nos bolsos, fiz o meu melhor para não pensar sobre Maggie e Trevor, mas não pude me conter.

Apesar de todos os problemas, era bom que Maggie tivesse alguém. Alguém estável e a longo prazo. Isso era o que eu queria também, mas por algum motivo, meu gosto por mulheres sempre deixou a desejar.

Elas sempre eram normais no começo. Como Fiona, a garota que namorei durante o verão. Ela era linda e inteligente, uma professora com um coração de ouro. Ou, pelo menos, foi o que pensei até que surgiu com chicotes e pediu-me para miar como um gato. Eu gostava de sexo selvagem, mas aquilo era demais para mim.

E então veio Bethany, a morena de pavio curto que conheci durante uma excursão de paraquedismo. Ela era divertida e fácil de conversar e nós compartilhávamos uma paixão por esportes radicais. Por um tempo pensei que ela poderia ser aquela que faria os sonhos estrelados por Maggie finalmente cessarem. Mas quando uma garçonete em um restaurante foi um pouco amigável demais comigo, Bethany furou os pneus do carro dela e colocou uma banana no escapamento.

Quando eu a confrontei sobre isso, ela me olhou nos olhos e disse: “Agora você sabe que não deve brincar comigo. Da próxima vez, eu vou arrebentar a vadia.”

Eu saí do apartamento dela, chamei a polícia, mudei meu número e nunca mais olhei para trás.

O que nos trouxe a Melanie.

Ela parecia normal, assim como o resto delas. Era gerente de uma loja de departamentos e amava música country. Nós nos divertimos, provocando um ao outro e experimentando coisas novas.

Ela era o tipo de garota com a qual um cara poderia assentar. Se, claro, não fosse por sua inibição sexual.

Eu tentei ser compreensivo no início. Sabia que era estranho estar com uma pessoa nova, então quando ela quis fazer sexo com as luzes apagadas e debaixo dos lençóis, não me importei.

Mas então ela só ficou deitada ali, quieta como um rato, prendendo a respiração como se estivesse esperando que algo

doloroso acabasse. Como se fazer sexo comigo fosse o equivalente a fazer um tratamento de canal. Novamente, culpei o nervosismo e a insegurança. Tentei acalmá-la, tentei mostrar-lhe como relaxar e se permitir, mas nada funcionou. Na verdade, só ficou mais difícil. Nas raras ocasiões em que ela queria fazer sexo, ficou de blusa e calcinha, insistindo que eu fizesse o mesmo, apenas empurrando sua calcinha para o lado. Porém até mesmo isso só aconteceu três vezes.

Eu queria estar com alguém que quisesse estar comigo. Não quero implorar a uma mulher que faça sexo comigo, não quero ter que convencê-la. Era estranho e errado.

Quando finalmente conversei com Bethany sobre isso, ela admitiu que nunca foi fã de sexo e não queria achar qualquer tipo de alternativa para isso. Estava perfeitamente feliz vivendo uma vida sem sexo.

Mas eu não.

A pior parte? Nem mesmo fiquei triste. Na verdade, senti-me aliviado. Porque se fosse totalmente honesto comigo mesmo, tinha que admitir que não importava. Inadequadas ou não, a razão pela qual não deu certo com aquelas mulheres ou o resto era simples.

Elas não eram Maggie.

Cheguei a porta do meu apartamento e entrei, tomando cuidado para tirar a neve dos meus sapatos e ombros antes de andar pelo lugar.

Era totalmente diferente da casa de Maggie. Onde a casa dela era quente e aconchegante, com pilhas de revistas e

velas perfumadas, a minha era estéril e limpa. Não havia cobertores ou armários cheios de filmes. Mas era assim porque não havia permitido que Maggie redecorasse nas milhares de vezes que me pediu.

Caminhando para a cozinha, preparei um sanduíche de peru e fui para a sala de estar. Em seguida, sentei no sofá e encarei minha refeição triste e solitária.

Talvez eu tivesse que me contentar com o fato de que, não importa o quão duro procurasse, nunca encontraria alguém que se encaixasse do jeito que Maggie fazia. Ela era ... a pessoa perfeita para mim. A tampa da minha panela.

Ela era a pessoa para quem ligava quando algo de bom acontecia. E quando algo terrível acontecia, também. Ela era a pessoa com a qual poderia contar ao final do dia.

As pessoas poderiam viver uma vida inteira sem encontrar alguém verdadeiro e genuíno como Maggie.

De modo que sempre que eu cogitava a ideia dela transando com outro...

Esfreguei uma mão sobre o meu rosto.

Estava perdendo a cabeça. Ou, pelo menos, ia perder se não tirasse Maggie dela.

Talvez fosse uma boa coisa que ela não fosse nesta viagem comigo e com os caras. Me daria a chance de limpar a cabeça e estabelecer prioridades. Eles já enchiam saco o suficiente quando ela não aparecia, dizendo que eu tinha duas namoradas, ela e a Melanie. E que nós tínhamos um

relacionamento de “amigos com benefícios”, mas sem nenhum benefício.

Bando de idiotas.

Mordi um pedaço do sanduíche antes de reparar que meu apetite desaparecera e joguei o resto no lixo antes de ir para o quarto.

A grande viagem de esqui estava a apenas uns dias e precisava me preparar para ela. Pegando algumas coisas do guarda-roupas, comecei a arrumar a minha mala.

Abri a gaveta e olhei para a caixa amarela de preservativos que me encarava de volta.

Talvez seja melhor não os levar. Eu precisava de uma pausa, não só de Maggie e Melanie, mas de todas as mulheres. A chance de limpar a minha cabeça e ficar longe de selvagens ficadas e das loucas que sempre se atraiam por mim.

Sim, esta viagem — e o celibato que vinha com ela — era exatamente o que eu precisava para clarear minha mente.

Então por que quando subi na cama e fechei os olhos, só conseguia ver a cabeça de Maggie no meu colo?



Capítulo Três

Maggie

Parei em frente a porta fechada e engoli a súbita náusea.

Sam estava certo na outra noite e isso me deixou inquieta desde então. Uma vida sexual terrível era motivo de rompimento. Então esta manhã depois de deixar a minha lista de prós e contras marinar por um dia, tomei uma decisão. Eu nos daria mais uma chance para corrigir nosso relacionamento, afinal, nenhuma relação era perfeita.

Se isso não funcionasse, então acabou. Tinha que ser. Eu era jovem demais para viver sem sexo.

Decidida, fiz compras no mercado e fui para a casa dele com um plano — e nada exceto a lingerie preta e casaco que usava.

Estamos juntos há muito tempo e parecia infantil desistir sem lutar. Mas isso não é desculpa para perder a

faísca em nosso relacionamento. Se ele não tentava reaviva-la, então eu tentaria. Pelo nosso bem.

Uma parte de mim ainda se sentia em conflito, mas a suprimi e resolvi ir em frente.

Limpando a garganta, ergui meus ombros, usei minha chave e atravessei a porta, apenas a tempo de ver duas pessoas caindo do sofá para o chão.

Duas pessoas nuas.

Duas pessoas *conhecidas*, uma *literalmente* dentro da outra.

Trevor e sua assistente, Adelaide. Jesus Cristo.

Meu coração parou no meu peito e cerrei meus punhos, abrindo e fechando a boca algumas vezes. Ao contrário dos filmes, ele não teve coragem de me dizer que não era o que parecia. Trevor tirou a loira de cima dele antes de levantar-se para exibir seu pênis desinflando rapidamente.

— Maggie...

— Não. — Eu disse, levantando uma mão trêmula. — Nem mesmo quero te ouvir, caralho.

Me virei e saí, batendo a porta atrás de mim. Ouvi a porta abrir novamente, seus pés trovejando atrás de mim, mas balancei minha cabeça e disse “não” outra vez, quase tropeçando para chegar rapidamente ao elevador.

Ele estava a poucos passos de mim com uma toalha na cintura que era pequena demais para ele, mas antes que

pudesse chegar até mim, as portas do elevador deslizaram se fechando.

Com o coração martelando, recuei e me encostei contra a parede de metal enquanto o elevador me levava até o lobby.

— Não. — Disse novamente, fechando meus olhos e esfregando-os. — Não, Jesus, não.

Isso estava realmente acontecendo? Deus, isso explicava muita coisa. O fato de que, muitas noites, Trevor ficara preso no trabalho. A maneira que ele de repente parou de querer dormir comigo nos finais de semana. O fato de que ele não me tocou em meses.

Que tola fui tentando consertar as coisas.

Minhas bochechas queimaram com a humilhação enquanto corria pela rua, tentando conseguir uma vantagem no caso de Trevor decidir se vestir e me seguir.

Eu não conseguia encará-lo. Ainda não. Não podia ligar para Sam, também. Ele já estava viajando e eu com certeza arruinaria o primeiro dia de suas férias com a minha separação.

Após todos estes anos, Trevor e eu terminamos. Todo esse tempo, desperdiçado.

Um tipo estranho de tristeza me assolou e lágrimas surgiram em meus olhos. Era estranho que, até mesmo agora, eu não chorasse pela perda de Trevor na minha vida. Foi o tempo e a energia investidos e a humilhação em ser tomada como tola que me abalaram mais profundamente.

Talvez amanhã, quando não estivesse tão recente... quando não estivesse correndo pela rua de saltos altos e lingerie com apenas um casaco cobrindo meu corpo, eu poderia sentir-me melhor.

Verificando para certificar-me de que meu cartão de crédito e identidade estavam no meu bolso onde os havia deixado, entrei numa loja de bebidas.

Hoje merecia licor, sorvete e doses de tequila. Era uma combinação desagradável, mas que traria efeitos rapidamente.

Quando acabei de fazer minhas compras, fui à loja de conveniência que ficava perto e escolhi batatas fritas, biscoitos, sorvete e doces e depois fui em direção ao metrô.

Não podia ir para casa. Seria o primeiro lugar que Trevor procuraria por mim. Mas eu tinha as chaves da casa de Sam, que ficava um bloco mais perto da estação do que a minha.

Ignorando os olhares dos homens perto de mim, peguei as chaves no meu bolso e cerrei meu maxilar. Eu as tinha para regar as plantas e verificar a correspondência, mas sabia que Sam não se importaria se ficasse em sua casa por um tempo. Na verdade, se soubesse o que estava acontecendo, ele insistiria nisso.

Só Deus sabia o quanto ele se escondeu de suas inúmeras namoradas no meu apartamento. Talvez depois de tomar sorvete e algumas bebidas fortes, eu seria capaz de processar realmente o que aquele mentiroso de merda fizera comigo.

Porque honestamente? Agora não fazia qualquer sentido.

Eu era boa de cama. Sabia disso. Estava aberta a experimentar coisas novas, era uma participante ativa e vocal. Não deixaria que isso me fizesse pensar o contrário.

E além disso? Sempre *eu* tomava a iniciativa no sexo ultimamente, nunca o contrário. Me interessava pelas coisas que ele gostava, ouvia suas histórias chatas do trabalho...

Mas mais do que isso, acreditava que ele era um cara bom. Um cara realmente bom.

Mas ele não era.

O metrô parou e juntei as minhas coisas antes sair para a plataforma e caminhar para a casa de Sam. Entrei rapidamente e coloquei as coisas na mesa da entrada antes de olhar ao redor e permitir-me cair contra a parede.

Isso era exatamente o que eu precisava.

Um lugar como o Sam, tudo limpo, com linhas elegantes e mobília moderna. Era como se estivesse em um bom hotel de férias de uma realidade muito ruim, deprimente.

Então foi exatamente o que fiz. Depois de desempacotar as compras, peguei meu pote favorito de sorvete, encontrei o único canal que ainda passava filmes de Natal e tomei uma bebida. Hoje era uma noite para esquecer meus problemas. Amanhã, eu estaria melhor. Algumas horas mais tarde, vesti uma calça de moletom de Sam e uma camiseta velha, bebi dois copos de licor e uma dose de tequila e senti-me menos

irritada e um pouco sonolenta. Talvez conseguisse dormir hoje à noite, afinal.

Fiz uma oração silenciosa agradecendo o efeito rápido do álcool, enquanto segui um pouco tonta para o quarto de Sam. Ele não se preocupou em arrumar a cama antes de sair esta manhã, mas não me importei.

Em vez disso, aconcheguei-me no espaço onde sabia que ele dormia, respirando fundo para sentir o cheiro de seu xampu no travesseiro e fechei os olhos. Sam nunca faria o que Trevor fizera comigo.

Nunca.

Peguei no sono pelo que pareceram mais ou menos três segundos antes que acordasse com uma vibração na minha coxa e o sol da manhã brilhando na janela.

— O que... — Sentei-me, esfregando meus olhos com uma mão enquanto a outra lutava com os lençóis onde repousava o celular. Encontrei dez chamadas perdidas — sete de Trevor, três de Sam.

Deslizando o polegar sobre o nome de Sam, liguei de volta e coloquei o celular no ouvido.

— Alô? — Falei, minha voz grogue.

— São onze horas aí. — Ele disse.

— Sim, sim. Sei disso. — Contrapus, tentando normalizar minha voz.

— Por que você ainda está dormindo? — Ele perguntou.

— Eu não posso dormir? — Perguntei devagar, minha cabeça estava martelando me deixando um pouco enjoada.

— Não. Você nunca faz isso. O que está acontecendo?

Ele parecia desconfiado e por um momento relutei sobre a possibilidade de lhe contar a verdade. De uma maneira ou outra, ele tiraria de mim. Sam me conhecia bem demais.

— Olha, posso ficar na sua casa enquanto você está fora? — Perguntei.

— O quê? Por que? Algo aconteceu com seu apartamento? — Exigiu, com a voz preocupada.

— Não, nada disso. Eu só... preciso de uma pausa por alguns dias.

— Isso está muito enigmático. — Sam zombou.

Respirei fundo. *Certo, aqui vamos nós. Como um Band-Aid.*

— Eu preciso ficar em um lugar onde Trevor não possa me encontrar.

A longa pausa ecoou pela linha, mais alto do que qualquer palavra.

— Ele machucou você? — Exigiu Sam, sua voz era pouco mais que um rosnado. — Juro por Deus, Maggie, eu vou...

— Não! — Cortei acentuadamente, segurando o telefone mais apertado quando a vergonha me atingiu. — Não fisicamente, enfim. Ele... nós terminamos.

O silêncio preencheu a linha por um longo instante e dei uma olhadela no celular, me perguntando se a ligação caiu, mas então a voz de Sam zumbiu através da linha novamente.

— Você não pode ficar aí sozinha.

— Ah, não seja dramático. É apenas uma separação. Eu vou ficar...

— Não. — Sam argumentou. — Amanhã é véspera de ano novo e você não vai passar sozinha. Venha para cá, comigo. Estou procurando uma passagem no laptop agora.

— Não compre uma passagem para mim. Sério, Sam. — Murmurei, apertando os dedos contra minha testa dolorida.

— Tarde demais, já comprei. — Falou de volta. — Você precisa chegar ao aeroporto em noventa minutos, então seja rápida. Vá fazer as malas, eu ligo daqui a pouco.

Sam desligou e encarei o celular por um longo instante antes de enfiá-lo no bolso.

Deixei Sam sequestrar meus planos. Ainda assim, não tive coragem de ficar zangada com suas táticas pesadas. Se fosse o contrário, eu faria exatamente a mesma coisa.

Além disso, um tempo com meu melhor amigo seria bom para mim, especialmente quando estava sofrendo tanto. Tudo o que tinha que fazer era voltar para casa, arrumar uma mala rapidinho e esperar pelo melhor.

Três horas mais tarde, eu estava apertando o cinto no assento da janela de um avião indo para o Colorado com

nada além de umas poucas roupas limpas que encontrei nas minhas gavetas.

Uma revista repousava no meu colo e enquanto observava as pessoas passando, me perguntei quantas delas estavam de férias e quantas estavam voltando para casa para o feriado.

Para evitar que meu cérebro repetisse a cena do dia anterior repetidamente em um loop na minha cabeça, inventei histórias sobre os transeuntes, até que uma mulher mais velha usando um casaco de lã grossa parou na minha frente e observou seu bilhete. Sorri e me forcei a focar.

— Parece que vamos fazer essa viagem juntas, vizinha. — Disse a mulher com uma piscadela. — Eu interrompi você? Parecia imersa em pensamentos.

— Não, acabei me distraindo. Precisa de ajuda com a mala?

Em resposta, a senhora pôs sua bagagem no compartimento superior e soltou um suspiro.

— Você não cria quatro rapazes sem ganhar um pouco de força. Mas obrigada.

Eu sorri um pouco mais genuinamente.

— Quatro rapazes? Não consigo imaginar.

— Ah sim, estou indo visitar o mais velho agora. Passei o Natal com o mais novo. Mas ele já tem quarenta anos. — Ela riu e estendeu a mão quando tomou o assento ao meu lado. — Agatha.

— Maggie. — Me apresentei, agitando sua mão. Quando soltei, ela me observou melhor.

— Então, o que lhe leva ao Colorado, Maggie?

— Vou esquiar com um amigo. — Respondi.

— Isso é bom. São amigos há muito tempo?

— Sim, desde a faculdade.

Agatha assentiu.

— E o que a leva para ele? Ele vai se casar lá ou algo assim?

Eu ri.

— Oh. Não. Não vai. Eu só... — Revirei meus olhos, mas percebi que poderia contar tudo a essa mulher. Teríamos tempo afinal, e não é como se fosse vê-la novamente.

— Para ser honesta, acabei de terminar um relacionamento longo e ele sugeriu que eu viajasse para encontrá-lo no feriado, para me animar.

— Nossa, ele é um bom amigo. E ainda comprou passagem na primeira classe. — Agatha cochichou.

— Sim, ele é um bom amigo. — Concordei.

— Me desculpe por me intrometer querida, mas... — Agatha fez uma pausa. — Você é solteira e aparentemente seu amigo também. Não acha que talvez... — Ela levantou as sobrancelhas e me deu um olhar conhecedor.

— Eu sei o que parece, mas confie em mim, não é assim. — Tranquilizei-a com uma gargalhada forçada.

Agatha assentiu.

— Se você diz. É só que não há muitos homens que gastam tanto dinheiro em uma passagem de primeira classe para animar uma amiga.

Eu sorri e caímos num silêncio agradável enquanto as comissárias demonstravam os procedimentos de decolagem.

Enquanto o avião decolava e meus ouvidos estalavam, encontrei-me olhando para Agatha, suas palavras gravadas em minha mente.

Sam era um fotógrafo renomado, mas não era rico e uma passagem de primeira classe de última hora certamente lhe custara uma fortuna. Por que não percebi isso? Era possível que este fosse o único lugar vago em um voo de última hora?

A dúvida me corroeu e eu sentei ereta na poltrona de couro, pensando seriamente. Não era hora de quebrar a cabeça pensando em coisas assim.

Sam me fez viajar para que eu me divertisse.

E era isso que eu faria.



Capítulo Quatro

Sam

Esperei sentado no saguão, observando multidões de pessoas de trajes e máscaras indo para as montanhas.

De acordo com sua mensagem de texto, Maggie deveria chegar a qualquer momento e apesar dos meus amigos terem saído depois do almoço, umas duas horas atrás, eu queria ter a certeza de que estaria aqui para ela quando chegasse.

Pelo que pareceu ser a milionésima vez, verifiquei meu relógio e olhei para o porteiro, que tem me encarado pela última meia hora. Evitando olhar, inclinei-me para mais perto do fogo, aquecendo minhas mãos enquanto outra horda de pessoas passava por mim com esquis nas mãos.

Na verdade, eu ainda não sabia o que diria ou faria quando Maggie chegasse. Não podia forçá-la a falar sobre o que aconteceu com Trevor. Sabia que seria um assunto delicado. Também não poderia deixá-la notar a única coisa

que havia na minha mente desde que falamos ao telefone ontem à noite.

Esta era a primeira vez em todos estes anos que ela estava realmente solteira.

E a última coisa que queria ouvir ela dizer, era que queria ficar solteira por um tempo. Imaginar Maggie com Trevor era uma coisa, mas o pensamento de Maggie saindo com vários caras do Tinder, tendo os vários orgasmos que Trevor havia negligenciado a ela ao longo dos últimos meses, me deixava mal.

Eu sabia as coisas que as pessoas diziam após as separações. Agora seria o momento perfeito para se encontrar e descobrir quem ela era, sem um homem em sua vida. Essa era uma oportunidade para recomeçar.

Mas não era. Não na minha opinião.

Era a chance de ela perceber o que eu soube desde o primeiro momento que a vi.

Nós somos um do outro.

A única questão era como fazer ela ver isto.

Cretino egoísta.

Eu não podia investir no segundo em que ela chegasse, com o coração partido depois de anos desperdiçados com um idiota que nunca gostou dela. Ainda assim, uma garota como Maggie não ficaria solteira por muito tempo.

Isso era tão certo quanto dois mais dois são quatro.

Gemendo, me recostei na cadeira e passei a mão no rosto. Talvez a minha melhor opção seria ser um bom amigo neste momento. Estar lá para a pessoa mais importante da minha vida. E então a partir daí, só deixar as coisas acontecerem naturalmente e pedir a Deus que desse tudo certo.

Olhei de relance para o relógio acima da cabeça do porteiro e ele olhou para mim, mas antes que eu pudesse fazer alguma coisa, vi o movimento pelo de canto de olho e cada célula do meu corpo se eriçou.

Maggie entrava pelas portas de madeira com uma bolsa enorme na mão e corri em direção a ela.

— Ei. — Cumprimentei-a.

Ela sorriu, mas eu podia ver a palidez da pele e a fragilidade daquele sorriso. Merda, talvez ela estivesse mais afetada do que eu imaginava.

— Ei, o que você faz aqui? — Perguntou-me sem fôlego. — Pensei que já estaria na montanha.

— Não, preferi parar um pouco e relaxar. Aqui, vou pedir para o porteiro subir isto para você.

Ela não discutiu quando peguei a bolsa de seu ombro, mas me olhou com suspeitas.

— O que foi? Eu te disse para não esperar por mim. Poderia ter pego a chave do quarto na recepção sozinha.

— E então você teria feito o quê, exatamente? — Perguntei, levantando uma sobrancelha.

Ela olhou ao redor do átrio vazio, aparentemente sem palavras.

— Exatamente. Você teria ido para o quarto, deitado na cama, assaltado o minibar, a máquina de comida, ou ambos e teria perdido esse dia perfeito. Não, não vou deixá-la infeliz. Já sei que você não quer esquiar, então vamos encontrar outra coisa para fazer. — Dei a bolsa para o porteiro e ele pegou-a sem dizer uma palavra.

— Por que não levamos nós mesmos? — Ela perguntou.

— Ele vai cuidar disso. Nós vamos nos preocupar com suas acomodações mais tarde. Vamos começar do zero. Diga-me alguma coisa divertida que você nunca fez com Trevor.

— Bem, essa é uma pergunta capciosa... — Aqueles lábios cor de rosa se franziram e suas bochechas ficaram vermelhas, deixando minha masculinidade imediatamente dura.

Impressionante.

Ela estava aqui a três segundos e eu já estava meio-duro.

Custou-me cada grama de força não me curvar, pegá-la em meus braços e encontrar o canto mais próximo para mostrar-lhe exatamente como eu faria facilmente o que o *bundão do Trevor* não fez.

Em vez disso, ri de sua observação e arrumei o gorro que estava torto em sua cabeça.

— Algo que possamos fazer aqui. — Solicitei.

— Bem, não sei o que há para fazer na área. — Ela disse, pausando para morder o lábio inferior.

Claramente, ela não estava com cabeça para tomar decisões, por isso tomei as rédeas.

— Então vamos descobrir. Há uma aldeia na parte de baixo da montanha. Tenho certeza de que há muitas coisas para fazer lá.

— Contanto que não seja esquiar, está bom para mim. — Ela disse com um encolher de ombros.

— Não, nós vamos fazer uma boa caminhada à moda antiga. — Fechado meu casaco, a guiei para fora, passando pelas portas e indo para o caminho de paralelepípedos que levava para a aldeia. Não havia muito lá, para ser sincero. Apenas alguns poucos pontos turísticos, um SPA e alguns restaurantes, mas era suficiente para espairecer e isso era tudo que precisávamos para hoje. Melhor ainda, parecia o interior de um globo de neve. Ela adoraria o clima do Polo Norte, eu tinha certeza.

— Você não me perguntou o que aconteceu. — Ela disse calmamente assim que chegamos ao fim do caminho e pisamos num espaço que foi limpo recentemente na calçada.

Meu instinto se aflorou e enfiei as mãos no bolso do casaco.

— Não quero pressioná-la, Maggie. Meu trabalho é estar aqui para você quando estiver pronta para falar sobre isso. — Parei de caminhar um pouco e ela me olhou desconfiada. — Você quer falar sobre isso?

Ela suspirou, então olhou de relance para o teleférico à distância por um longo instante antes de focar em mim novamente. — Eu realmente não queria, mas desde que entrei no avião, só consigo pensar nisso.

— Então fale. Talvez falar fará você se sentir melhor. — Cristo sabia que me faria sentir melhor. Ou, se não melhor, pelo menos, menos tenso. Eu estava nervoso, pensando exatamente como as coisas estavam entre eles para chegar a este ponto, depois de tanto tempo.

E, se fosse totalmente honesto, machista de merda ou não, realmente precisava descobrir se teria que acabar com a raça de Trevor quando voltasse para a cidade. Porque eu não era contra um acerto de contas à moda antiga.

Relaxei meus punhos e tentei focar em Maggie quando ela começou a falar novamente.

Ela envolveu os braços ao redor da própria cintura e balançou a cabeça lentamente.

— Quando penso nisso, não sinto nada. Eu estou com raiva por ter desperdiçado meu tempo e por ter sido traída, mas quanto a perdê-lo? Estou... dormente ou algo assim.

Concordei, tentando domar minhas emoções conflitantes. Dormente era melhor do que devastada ou triste. — Posso entender isso. Deve ter sido um choque, se não estava pensando nisso.

— Ah, não foi planejado. Entrei e peguei ele transando com a assistente. — Ela soltou um grunhido. — Que clichê, não é? Zero pontos pela originalidade, Trevor. Não faço ideia

de a quanto tempo isso acontecia. Eu queria perguntar..., mas quando vi... digamos que eles não estavam em condições de responder nada.

— Que merda. — Murmurei com os dentes cerrados enquanto respirava profundamente. A vontade de pegar o próximo avião de volta para Nova York e acabar com ele era quase esmagadora, mas me controlei. Eu precisava estar aqui para Maggie agora. Inalei profundamente, com as narinas queimando enquanto meus punhos se enrolavam. Como Trevor foi capaz de trair uma mulher assim?

Ele não valia nada.

— É a mentira que me incomoda mais do que tudo. Se ele quer ficar com outra pessoa, bom para ele. Não sei por que teve que me enrolar ao mesmo tempo.

Eu abri a boca, fechei, em seguida, balancei a cabeça.

— Não sei o que dizer. Ele não merecia você, sinto muito sobre como terminou.

— Não sinta. Eu estava chateada e confusa, a minha confiança levou um duro golpe, mas percebi quase imediatamente que nunca senti ciúmes. Eu não me senti mal com o pensamento dele com outra pessoa. Me senti... mais humilhada do que qualquer coisa. — Os olhos dela pareciam estranhamente brilhantes e assenti em silêncio. — De qualquer forma, enchi a cara e tentei aceitar. Agora estou aqui com você e nós vamos passar uns dias incríveis juntos. Começando com uma visita nesta adorável loja de antiguidades e artesanato.

Ela apontou para uma pequena cabana que não havia notado antes, mas percebi imediatamente que era o estilo dela. Propagandas de colchas caseiras e velas estavam penduradas nas janelas e a segui quando ela praticamente correu em direção a entrada.

— Trevor nunca entraria em lugares como este. Ele chamava de coisa de velho.

— Então vamos entrar. Vamos com tudo.

Acenei para ela entrar e de repente fomos inundados pelo cheiro de mil velas.

Colchas enfeitavam as paredes e pequenos sabonetes artesanais e loções estavam espalhados pelo minúsculo lugar.

Maggie foi até uma das colchas que era feita de um tecido macio, em tons de cinza suave, creme e rosa. Ela passou os dedos sobre a costura intrincada.

— Quem me dera poder fazer algo assim. É incrível — ela murmurou.

— Obrigada, querida. — Uma mulher que parecia bem mais velha falou por trás do balcão e Maggie se virou para encará-la. — Você fez tudo isso sozinha?

A senhora assentiu, os cabelos brancos pulando para cima e para baixo com o movimento.

— Sim, senhorita. A artrite não me venceu ainda. — Ela piscou seus grandes olhos azuis.

— É incrível. Realmente. Você deve estar muito orgulhosa. — Maggie sorriu para ela.

— Sabe, aposto que você também pode aprender a fazer. — Propus e a senhorinha assentiu.

— Meses para aprender e uma vida inteira para aprimorar. Você nunca mais passará frio a noite. — Ela riu de sua própria piada fraca e nós rimos junto com ela.

Enquanto elas continuaram a falar, caminhei até a colcha e olhei para a etiqueta de preço. Não era barata, mas dada a localização turística e a qualidade do artesanato, pareceu-me justo. Peguei a colcha e a pus no balcão.

— Eu vou levar.

— Sam, não. — disse Maggie. — Você já comprou minha passagem para cá e eu não posso...

— Não é para você. É para minha casa. Nunca tem cobertores para você lá e você ama se aconchegar debaixo deles. — Propus.

Eu faria qualquer coisa para vê-la sorrir novamente.

— Mas Sam.... — Maggie disse, mas a mulher atrás do balcão acenou para ela.

— Sabe, minha mãe sempre me disse para aceitar um presente com um sorriso e um caloroso agradecimento. — Interrompeu a senhorinha.

Levantei minhas sobrancelhas para Maggie.

— Viu? E você sempre me atazana com os presentes que me dá. Então por favor só...

— Tudo bem. — Ela disse sorrindo. Revirou os olhos, mas sorriu. — Obrigada.

— Por nada. — Entreguei meu cartão de crédito para a mulher e ela o pegou antes de colocar a colcha em uma sacola.

Isto pode ser bom e ruim. Uma colcha como esta seria mais uma lembrança de Maggie em casa. Toda vez que eu olhasse para ela, pensaria na forma como seus olhos brilharam quando ela admirou as costuras finas.

Talvez seja melhor obrigá-la a levar para casa afinal...

— Aqui está!

A voz rouca da senhora me acordou dos meus sonhos e recolhi a sacola.

— Obrigado de novo. — Disse e ela acenou com a cabeça.

— Foi um prazer. É sempre bom ver jovens casais nesta aldeia. Especialmente um par tão perfeito como vocês dois.

Maggie piscou, arregalando os olhos, mas eu apenas sorri e peguei seu braço.

— Tenha um ótimo dia. — Falei por cima do ombro enquanto a conduzia para fora da loja e saía para o ar fresco.

— Certo, foi uma boa parada. Para onde agora? — Perguntei.

Maggie me olhou, atordoada, abanou a cabeça e disse

— Uh, não sei... Talvez comida italiana? Trevor odiava tomate. E queijo muçarela.

Um claro indicador de que ele era o monstro que eu imaginava que fosse, mas segurei o comentário e acrescentei

— Seu desejo é uma ordem.

Seguimos o caminho de paralelepípedos e chegamos a uma área de lojas e restaurantes. Verificamos alguns pelo lado de fora e escolhemos um bistrô escondido no canto.

Quando entramos, o cheiro de molho picante e alho cumprimentou-nos e eu soube que tínhamos escolhido o lugar certo. O fogo estalava alegremente em cada canto do restaurante e nós escolhemos uma mesa perto de uma lareira. Tínhamos acabado de tirar os casacos e sentado quando uma garçonete sorridente veio e nos deu alguns cardápios.

— Nunca vou entender isso. — Maggie disse de repente.

— O quê? — Perguntei, sem tirar os olhos do menu.

— Por que as pessoas sempre pensam que estamos juntos. Sabe, Trevor costumava ficar muito zangado, porque uma vez quando saímos com você uma mulher fez um comentário sobre ele ser uma “vela”.

Levantei um pouco mais o cardápio, tentando esconder meu sorriso.

— É estranho, não é?

— É muito estranho imaginarem isso. Quero dizer, podíamos ser irmãos.

A friedzone já era ruim o suficiente. E agora, quando pensei que havia um resquício de esperança...

Ela pensa em mim como irmão? O mundo já pode acabar.

Me senti um pouco mal com isso..., mas mantive o nível na voz.

— Você acha?

— Sim. Talvez. Não sei, é estranho. Então o que você está pensando em pedir?

Na verdade, não havia lido uma única palavra do cardápio e de repente senti como se a última coisa que quisesse fazer fosse comer.

— Acho que devemos começar com uma bebida. — Anunciei e fechei o cardápio. — Almocei tarde e não estou com fome.

Ela sorriu e fechou seu cardápio, jogando-o na mesa, ao lado do meu.

— Eu definitivamente poderia adiar a comida. Sempre quis tomar uma bebida quente perto da neve. Trevor odeia neve então....

Balancei a cabeça.

— Vai ser isso então.

E sinceramente, após esse comentário de irmãos?

Álcool foi a melhor ideia que tive o dia todo.



Capítulo Cinco

Maggie

Logo após a chegada de nossas bebidas, os inseparáveis Peter e Jeremy, mandaram uma mensagem e os convidamos a se juntarem a nós no restaurante.

Juntos, nós decidimos dividir algumas pizzas e, a partir daí, a conversa caiu facilmente para as loucas manobras que eles fizeram enquanto esquiavam.

De vez em quando Sam me dava um olhar simpático, sabendo que eu não fazia ideia do que eles estavam falando, mas na verdade a presença deles foi uma pausa bem-vinda. Entre o que dissera a mulher na loja e a insinuação da mulher no avião, minha mente estava um turbilhão e eu estava começando a olhar para Sam de uma maneira que definitivamente não deveria olhar.

Certo, com certeza ele era sexy. Isso qualquer uma notava.

Dei um olhar furtivo, contemplando seus braços musculosos e a mexa de cabelo escuro que sempre caía em sua testa. E ele era doce e atencioso. Cuidava de mim e se certificava de sempre tivesse uma bebida fresca e que não passasse calor ou frio. Ele segurava a porta para mim e puxava a cadeira quando íamos a restaurantes. Droga, ele estava ansioso por esta viagem há meses e sacrificou um dia inteiro só para ter certeza de que eu ficaria segura e não triste e solitária.

Mas isso não queria dizer que ele tinha sentimentos por mim. Ele não argumentou quando mencionei que éramos como irmãos.

Não, toda essa linha de pensamento era ridícula. Sam era um bom amigo. Isso era tudo... não era?

Afinal de contas, Trevor me amara uma vez e nunca fez nada disso.

Obviamente esse não era o melhor exemplo, mas mesmo assim provava meu ponto. No lugar de Sam, Trevor nunca teria perdido a chance de aproveitar o passeio com seus amigos. Ele até mesmo viajou a trabalho no meu 25º aniversário, anos atrás.

Mas Sam estava lá, meu cérebro me lembrou prestativamente.

Novamente, não era uma indicação de que ele tinha sentimentos por mim. As pessoas eram apenas diferentes. Sam era um dos bons. E se ele gostasse de mim com certeza

eu teria percebido até agora. Ele teria me contado ou... alguma coisa.

— É o seu celular? — Sam se virou para mim e eu pisquei, percebendo que estive tão absorta em meus pensamentos que me desliguei totalmente.

— O quê? — Perguntei, confusa.

— Você não está ouvindo o barulho da vibração? Acho que é seu celular.

Prestei atenção e então ouvi o baixo e suave zumbido que ele estava se referindo.

— Sim, provavelmente é você-sabe-quem novamente. — Suspirei, mas tirei o celular da minha bolsa pensando na pequena hipótese de ser um membro da família com uma emergência.

Não era Trevor. Ele havia ligado, havia sete ligações perdidas dele desde que saí para o aeroporto, mas também havia três chamadas não atendidas da minha amiga Deanna. Eu não falava com ela a mais de duas semanas, porque ela se ausentou em um safari, mas agora mais do que nunca precisava ouvir sua voz.

— É a Dee. Ela deve ter voltado da viagem. — Disse a Sam. — Eu sei que a pizza deve chegar aqui em um minuto, mas está tudo bem se eu sair para atender?

Ele acenou concordando.

— Vá ligar para ela e certifique-se de que ela está bem. Vou ficar de olho para que esses chacais não comam toda a comida.

Apertei meu celular enquanto me dirigia ao pátio pouco iluminado do restaurante.

Me preparando para o frio, sentei-me num banco de ferro e liguei para o número de Dee. Só demorou alguns segundos até que ela atendesse.

— Oi. — Disse, me esforçando para parecer normal. — Tudo bem? Vi...

— O que está acontecendo? — Ela exigiu, falando ainda mais rápido do que o habitual, o que era alguma coisa.

— Como assim? — Perguntei.

— Passei pela sua casa para te mostrar as fotos da minha viagem incrível e Trevor estava sentado à sua porta com um ramo de flores murchas, parecendo destruído.

Eu comprimi meu nariz entre o polegar e o indicador.

— Estava?

Ela cantarolava sua confirmação.

— Ele devia ter duas dúzias de rosas e não disse uma palavra sobre o que aconteceu entre vocês ou onde você estava, mas achei que não era bom.

— Bem, eu estou no Colorado. — Disse.

Houve uma ingestão acentuada de respiração.

— Com o Sam? Ele não ia para o Colorado esquiar?

— Sim, estou com Sam.

— Eu sabia. — Ela exclamou, soando estranhamente alegre. — Sua diabinha! Então você finalmente abriu os olhos malditos e fugiu com aquele gostosão e Trevor está tentando te reconquistar? Como aconteceu? Não deixe um único detalhe para fora. — Dee exigiu.

Minha mente estava girando e me inclinei sobre o banco de ferro gelado para me apoiar.

— Não, ninguém fugiu com ninguém. — Disse com uma risada forçada. — Fui ao apartamento de Trevor ontem e o encontrei com as bolas dentro de sua assistente.

— Não. — Dee engasgou. — Aquele maldito rato. Eu sabia. Sempre disse...

— Você sempre disse que ele era um cara legal e um ótimo partido. — Recordei-lhe.

— Por você. — Dee disse casualmente como sempre. — Porque você não estava preparada para ouvir mais nada. Então, você está com o coração partido ou...

Revirei meus olhos enquanto pensava na resposta.

— Estou melhor. Sam ofereceu que eu viesse até aqui para fugir de tudo um pouco. E espero que quando eu voltar, Trevor tenha desistido porque, obviamente, não há nenhuma maneira de voltar com ele.

— Obviamente. — Ela concordou. — Aquela escória. Ah, eu odeio homens como ele. Eles pensam que são os caras

com seus escritórios e assistentes. Você está melhor sem ele. — Ela falou as palavras rápido e com raiva.

— Obrigada, também acho. — Na verdade, a cada hora que passava e não sentia falta de nada sobre ele, eu percebia mais isso.

— Mas vamos voltar ao Sam. — Dee pressionou.

— Sam o quê? — Perguntei, meu pulso acelerando. O que tinha sido aquele absurdo louco que ela vomitara sobre nós fugindo?

— Bem, você está aí com ele, certo? Então...

— Dee, não seja ridícula. — Repreendi, minhas bochechas se aquecendo. — Não sei por que no segundo que estou solteira todo o universo pensa que ficarei justamente com o Sam.

— O universo inteiro, hein? — Dee observou e eu podia ouvir o sorriso em sua voz. — Diga-me, ele tomou conta de você?

Olhei através das amplas janelas de vidro do pátio e avistei algumas pizzas sendo servidas na nossa mesa.

Salva pelo jantar.

— Olha, Dee, tenho que ir. Te ligo quando chegar em casa, então você pode me falar sobre sua viagem, certo?

— Ah, de jeito nenhum, espertinha. Você não vai fugir assim tão fácil. Vocês são feitos um...

Em pânico, desliguei. De jeito nenhum ouviria suas teorias de conspiração. Especialmente quando faziam as minhas mãos suarem e meu coração acelerar.

Em vez disso, corri para dentro, sentei no meu lugar, peguei um pedaço enorme de pizza de queijo parmesão, alho e pimentão vermelho.

— Como está Dee? — Sam perguntou enquanto pegava uma fatia.

— Louca como sempre. — Disse e para minha eterna gratidão, a conversa acabou com isso.

Pelo resto do jantar, ouvi calmamente enquanto os caras faziam planos para o dia seguinte.

Comi mais duas fatias e tomei outro drink antes que pedíssemos a conta e fossemos de volta ao hotel. Quanto mais me aproximava daquele farol, mais senti-me melhor. Eu estava desesperada por alguns minutos sozinha para refletir e mudar o foco. Nada como um banho quente para retirar os germes do avião do corpo. Depois de tudo o que aconteceu hoje? Seria bom ficar longe de Sam, também.

Não que ele estivesse me incomodando, ele nunca me incomodou. Era só que toda vez que olhava para ele, ouvia as vozes na minha cabeça que pareciam me lembrar que ele era um homem e eu uma mulher. E quando olhava para ele agora, não estava vendo apenas meu amigo Sam. Estava vendo... bem, ombros largos e impressionantes olhos azuis. Cabelo castanho desgrenhado e um corpo esculpido e tonificado.

Desviei o olhar quando chegamos a portaria e fiquei ao lado de Sam enquanto ele pedia a chave do quarto.

— Nós vamos encontrar com vocês mais tarde ou... não. — Disse Jeremy, arqueando as sobrancelhas antes de partir com Peter para os elevadores.

Mas minha atenção estava no homem atrás do balcão, cujo rosto parecia estranho...

— Peço desculpa. — Disse o homem, pesaroso enquanto olhava para a tela do computador. — Entramos em contato com você no número fornecido logo após você ter nos contatado esta manhã. Não conseguimos arranjar outro quarto.

Meus ombros cederam.

— Não há quartos disponíveis? — Repeti sem expressão.

Ele me olhou nos olhos. — Não há quartos disponíveis.

— Merda, me desculpe, Mags. Meu quarto tem duas camas queen size. — Disse Sam. — Você pode ficar comigo. Você vai ter sua própria cama e podemos tentar encontrar outro lugar nas proximidades amanhã se você preferir.

— Não posso aceitar isso. Você pagou muito dinheiro para passar boas férias e agora estou...

— Tornando-as mais impressionantes por estar aqui. Não seja ridícula. — Ele virou-se para o atendente e perguntou — Você pode levar a bagagem dela para quarto 417?

— Certamente, senhor. — O porteiro assentiu e então deslizou outra chave na nossa direção. — Sua chave, senhora.

Peguei o cartão e fiquei olhando fixamente para ele, como se pudesse aparecer uma solução mágica.

Mas isto era realmente um problema? Eu fiquei na casa de Sam, um milhão de vezes. Adormeci em seu colo na noite passada. Qual era o problema em compartilhar um quarto de hotel?

Ontem, não haveria nenhum. Mas agora? Quando eu o via com novos olhos. Os olhos de aparentemente todos à nossa volta...

Havia vários.

Com uma respiração profunda, segui Sam enquanto ele subia os degraus e se dirigia ao final do corredor até que chegamos ao quarto. Ele abriu a porta para mim e entrei, vi uma banheira no banheiro, as paredes espelhadas e as camas queen size cobertas com edredons acolchoados artesanais. Era uma vila de esqui de verdade e fui em direção à cama com gratidão antes de olhar pelas janelas e ter a visão da neve fresca que havia começado a cair.

— Aposto que ainda têm filmes de Natal. — Disse Sam.

Balancei a cabeça assim que alguém chegou e pôs minha mala ao pé da cama. Agradeci-lhe, colocando uma gorjeta discreta na palma da sua mão e ele desapareceu com um aceno rápido, fechando a porta ao sair. O som ecoou pelo quarto como um tiro e meu rosto ficou quente.

— Acho que vou tomar um banho. A viagem acabou comigo. — Resmunguei.

— Certo. Eu estarei aqui.

Abri minha mala e peguei um pijama antes de correr para o banheiro e ligar o jato reconfortante de água. Quando o vapor começou a subir e revestir os espelhos, me despi e entrei no chuveiro. A água caiu nas minhas costas e meu cabelo, fechei os olhos e respirei fundo.

Este sentimento estranho, o nó no estômago sempre que pensava em Sam ultimamente, passaria. Era só a influência das pessoas ao meu redor e o choque da infidelidade de Trevor que estavam me confundindo.

A ideia de realmente estar com Sam...

Balancei a cabeça enquanto todo o meu corpo vibrou. Era impossível. Se não desse certo, arruinaria um dos mais importantes relacionamentos da minha vida. Eu só tinha que ficar tranquila, calma e recolhida. Manter a cabeça no lugar. E quando tudo passasse? Eu me sentiria normal perto de Sam novamente. Como sempre me senti.

Não é?

Minha mente voltou a aquela vez que nós fomos para a praia no verão passado e eu o notei saindo do mar parecendo um deus grego com seu amplo e musculoso peito e abdome definido. Deus sabe que não me senti normal naquele dia. E embora tivesse fingido que o homem dos meus sonhos era uma fantasia sem rosto, eu tinha certeza, se fosse honesta comigo mesma, que ele era muito parecido com Sam.

Ou quando ele e Melanie ficaram juntos pela primeira vez e eu tomei uma caneca inteira de mocha gelado com pedaços de gelo de uma vez porque me sentia estranha por dentro, mas não conseguia entender o motivo.

Soltei uma maldição abafada e fechei os olhos, tentando acabar com esses pensamentos.

Fiquei assim por uns dez minutos, usando as técnicas de respiração que aprendi na ioga, até me sentir melhor, então rapidamente me ensaboei e enxaguei. Quando saí do chuveiro e vesti o pijama, eu estava pronta para enfrentá-lo.

Não era grande coisa. Era só o Sam, afinal. Nós íamos para nossas respectivas camas e assistiríamos algum filme ruim na TV. Totalmente normal, como todas as outras noites que passamos juntos.

Só precisava me lembrar disso.

Caminhando de volta para o quarto, botei um sorriso no rosto e me preparei sugerir um filme, só para encontrar meu olhar atraído pelo peito nu de Sam. Ele estava vestindo seu pijama, também, e as calças folgadas não ajudaram em nada para fazê-lo parecer menos um super-herói de folga.

Filho de uma...

— Filme? — Perguntei com a voz estranha.

Ele sorriu.

— Grandes mentes pensam igual. Mas primeiro, eu queria dizer uma coisa. Sei que você está passando por um momento muito difícil, com essa coisa do Trevor, mas eu

realmente acho que é o melhor. Eu nunca pensei que ele era o homem certo para você.

Você está se candidatando ao cargo? Eu queria perguntar. Em vez disso, engoli. — Obrigada.

— Quero dizer, ele só não era bom o suficiente. Não para você.

Subi na minha cama, aconcheguei-me nas almofadas e então me virei para olhar para ele. O nó na minha barriga se apertou ao ver a expressão séria em seu rosto bonito.

— Eu agradeço, Sam. Você é um bom amigo.

Ele se virou, mas não antes que eu visse o cintilar de... algo em seus olhos.

Algo que fez meu corpo inteiro ficar em chamas.



Capítulo Seis

Sam

Se ouvir Maggie no chuveiro foi difícil para mim, as duas horas seguintes foram as mais longas da minha vida.

Nós ficamos a apenas um braço de distância um do outro enquanto assistíamos algum filme estúpido estrelado por Will Ferrell. Ou, pelo menos ela assistiu. Eu só fingi assistir enquanto pensava na nossa situação e meu cérebro se encheu de dúvidas.

Ela estava sendo sincera sobre aquela história de irmãos?

Se fosse verdade, por que estava me olhando diferente, com olhos famintos durante toda a noite?

Seja como for, as coisas estavam claramente diferentes entre nós e eu não fazia ideia de como consertar isso.

Além disso, sequer tinha certeza que queria. Eventualmente, Maggie superaria o que aconteceu com

Trevor, a raiva e a humilhação, então encontraria alguém novo. Eu sinceramente não tinha certeza, se poderia aguardar e assistir de novo. Ver outro cara sentado como um pedaço de merda, enquanto eu a fazia sorrir e depois assistir enquanto ela ia para casa com ele.

Passei uma mão frustrada pelo cabelo e gemi.

Os caras sempre pegaram no meu pé sobre ela. Sobre como deveria parar de perder tempo e agir, mas eu não tinha tanta certeza.

— *"Quero dizer, podíamos ser irmãos."*

— Porra. — Rosnei e saí da cama.



Depois de uma noite de sono inquieto, decidi que o melhor a se fazer era limpar o ar entre nós o mais rápido possível, mas assim que o sol nasceu, ela levantou e saiu, indo para o SPA. O que suponho ter sido o melhor. E se eu estivesse viajando sobre tudo isso? E se fizesse alguma coisa e ela não correspondesse?

Eu poderia perdê-la completamente.

Antes era mais fácil resistir a ela, olhar, mas não tocar. Ela pertencia a outra pessoa... Ela alegava ser *feliz* com outra pessoa.

Mas ultimamente, estava cada vez mais difícil.

Agora eu me sentia como um garotinho admirando uma vitrine de doces, perto o suficiente para tocar, mas ainda fora

de alcance. O momento ainda não era o ideal, e mesmo se fosse, eu não fazia ideia se Maggie sentiria por mim o que sentia por ela.

Mesmo assim, eu não conseguia tirá-la dos meus pensamentos.

Enquanto tomava o café da manhã com meus parceiros Jeremy e Peter, meus pensamentos voltavam ao desgraçado do Trevor. Que idiota foi por fazer aquilo com ela. Se eu estivesse com Maggie, a amaria eternamente. Mas o que mais me incomodava era o que ela dissera sobre isso.

Que não sentia falta dele, não estava com o coração partido por ele.

Isso também queria dizer ela estava disposta a contemplar a ideia de alguém novo? Ela não dissera nada de "dar um tempo e se encontrar" como esperava. Na verdade, quando se tratava de sua vida amorosa, ela não dava grandes detalhes.

Mais confuso do que nunca, desci a montanha um pouco mais rápido do que deveria e derrapei, jogando em Jeremy e Peter neve fresca.

Eles se limparam, olhando para mim, então apontei em direção os teleféricos.

— Querem experimentar um lugar novo? — Perguntei. — Lá em cima é super da hora e...

— Espere. — Disse Peter. — Agora que finalmente estamos só os caras aqui, há algo Jer e eu queremos te falar.

— Ah, é? — Perguntei cauteloso enquanto tirava uma das luvas com os dentes. Por que será que tinha impressão de que não ia gostar dessa conversa?

— Sim. — Jeremy assentiu. — Qual é a porra do negócio com a Maggie?

Franzi a testa. — O que você quer dizer com "qual é o negócio?" Eu disse a vocês que não queria que ela ficasse sozinha no ano novo, então a convidei. Ela disse que não, mas então seu namoro acabou e eu não queria ela em casa sozinha. Essa é toda a história.

— Bem, foi o que você nos disse. — Peter disse com uma risadinha enquanto tirava os óculos e olhava para mim. — Mas nós já não caímos mais nesse papo.

— Não entendo o que você quer dizer. — Disse, me fazendo de bobo e desejando achar alguma desculpa para distraí-los.

— Maggie. — Disse Jeremy. — Você está apaixonado por ela há anos e Peter e eu queremos saber o que você pretende fazer agora que ela está solteira.

— O quê? — Fingi surpresa, porque eles imaginarem a profundidade dos meus sentimentos por Maggie era uma coisa. Mas se tivessem certeza?

Eu nunca mais teria paz.

— Olha pessoal, sei que vocês querem dar uma de cupidos há anos, mas ela é só minha amiga.

— Então é por isso que você está olhando o celular a cada cinco segundos para ver se ela te procurou? — Peter arqueou as sobrancelhas.

— Ela acabou de ser traída. Não quero abandoná-la. — Argumentei. Era racional, não era? Ela era minha convidada; tinha que me certificar de que ela ficasse bem.

Era o que qualquer um teria feito.

— Então você está nos dizendo que não está feliz por ela estar solteira? — Jeremy pressionou.

Ajustei o gorro na minha cabeça, certificando-me de cobrir as orelhas.

— Nunca fico feliz ao ver meus amigos mal. Ele a traiu. Isso foi uma merda.

Peter e Jeremy trocaram um olhar significativo e então explodiram em correspondentes suspiros pesados.

— O quê? — Exigi.

— Olha, Sam, você é nosso amigo, mas temos que fazer você cair na real. Você é escravo de uma boceta. — Jeremy disse enquanto Peter concordava ao seu lado. — E isso não é fácil de fazer, já que a boceta em questão nem mesmo é real. Agora que Maggie está finalmente solteira, você precisa encontrar uma maneira de ficar com ela ou esquecer isso de vez. Você não pode viver sua vida esperando que ela o note. É patético.

— Chega a ser triste cara. — Peter concordou, distraidamente tirando neve das calças.

— Não farei isso de jeito nenhum. — Disse. — Ela é minha amiga, isso é tudo.

Peter me deu um aceno lento.

— Entendo, então você não terá problemas com os planos de ano novo que estamos planejando, não é?

— Olha, eu preciso...

— Perguntar para Maggie primeiro. — Eles terminaram por mim em uníssono e Jeremy gargalhou.

— Você precisa fazer alguma introspecção, mano. Vamos nos encontrar no Daring Cliff, certo? — Eles foram em direção ao teleférico antes que eu tivesse a chance de discutir. Os observei enquanto pensava sobre tudo o que disseram.

Meus sentimentos por Maggie eram assim tão óbvios? Eu era realmente tão transparente?

Esperava que não. E se Maggie tivesse alguma ideia das coisas que fantasiei no chuveiro esta manhã? Se ela soubesse como imaginei-a lá comigo, nua nos meus braços enquanto eu usava o gel de banho de lavanda sobre seus mamilos duros e assistia a água rolar pelo seu corpo esbelto.

Meu pau se contorceu novamente com o pensamento e respirei fundo antes de seguir meus amigos até o teleférico.

Cada palavra que disseram estava certa. Desde o primeiro momento que conheci Maggie na faculdade – duas semanas após o início da sua malfadada relação com Trevor – eu sabia que ela era a mulher perfeita para mim

Estava sentado atrás dela na aula de espanhol, assistindo ela escrever o próprio nome várias vezes e em diversas fontes em seu caderno. Fiquei admirado e me estiquei para ver melhor.

— Posso tirar uma foto se for mais fácil para você. — Ela disse sem virar.

Demorei um pouco até perceber que ela falara comigo.

— O quê? — Perguntei.

— Você estava espionando. — Desta vez ela se virou, me lavando com o cheiro de seu perfume.

— Não, eu estava apenas...

— Está tentando colar de mim? Vou avisar logo, não sou boa nessa matéria. Só posso dizer meu nome.

— Que é?

— Me *llamo* Maggie. — Disse com um forte sotaque americano.

Eu sorri.

— Me llamo Sam.

— Então, Sam, quer tirar uma foto? Dura mais tempo.

Semanas depois ela ainda me provocava sobre a espionar, mas eu continuava fascinado com seus desenhos. Não era só o nome dela. No meio das aulas, encontrava meu olhar vagando pelo seu caderno, onde ela ficava desenhando passarinhos em galhos de árvores murchas ou cupcakes com mil confeitos.

Nunca consegui entender o que ela ganhava com isso, mas todos os dias no final da aula ela arrancava o desenho e me entregava.

— Para você. — Ela dizia e eu o guardava com as minhas coisas. Claro que espanhol se tornou minha matéria favorita e jamais faltei a uma aula.

A partir daí tudo fluiu naturalmente. Perguntei-lhe sobre seus desenhos e depois sobre sua vida, e quando percebemos que ambos íamos reprovar nessa matéria, estudamos para as provas juntos. Nós apenas nos encaixamos. Sempre foi assim.

Como se estivéssemos destinados a ficar juntos.

Cheguei ao teleférico e subi, ainda profundamente imerso em pensamentos.

Meus amigos podiam dizer o que quisessem, mas com Maggie não era apenas sexo. Eu queria mais do que isso.

Eu queria tudo. E se fosse fazer isso?

Faria direito.



Capítulo Sete

Maggie

Passei o dia inteiro com máscaras de lama no rosto, os pés embebidos em água fumegante e com o corpo massageado a ponto de tornar-se gelatina, mas de alguma forma, ainda não consegui relaxar.

Em um nível físico, meus músculos estavam mais soltos e minha pele ficou mais suave. Mas em um nível espiritual? Eu estava uma bagunça.

Minha mente continuava no mesmo turbilhão do dia anterior. Nos momentos em que não estava pensando nos comentários estranhos que todos estavam fazendo sobre Sam, estava pensando sobre o próprio Sam. Como o cheiro de seu xampu picante flutuava em torno dele. A forma como seu jeans abaixa quando ele levantava os braços e podia vislumbrar seu abdome e a estreita trilha de cabelos que levavam para baixo...

E então, quando finalmente consegui me forçar a parar de pensar em Sam, pensei em Trevor e como ele não tinha nada a ver Sam. Trevor, que abusou da minha confiança e me tratou como um capacho. Trevor, que provavelmente ainda estava sentado na porta do meu apartamento, esperando que eu voltasse e o aceitasse.

O que, claramente, nunca aconteceria.

Jogando-me na cama, enterrei meu rosto nas almofadas e me debati gritando minha frustração. Nada disso se resolveria comigo deitada sem fazer nada. Eu tinha que tomar alguma atitude para resolver todos esses sentimentos conflitantes borbulhando dentro de mim... Eu só não sabia o que.

Levantando da cama, amarrei meu roupão mais apertado justamente quando a porta começou a abrir e Sam entrou, as bochechas ainda ligeiramente rubras do ar gelado do inverno.

— Como estavam as montanhas? — Perguntei, imaginando se a minha voz sempre foi estridente assim, ou se simplesmente estava tentando compensar um súbito nervosismo meu.

De qualquer forma, Sam pareceu não notar.

— Foi ótimo. Peter fez boas manobras no final.

— Dia perfeito, então. — Sorri.

— Exatamente. — Ele tirou o gorro e as luvas e os atirou na cômoda. Ele me encarou, seu sorriso desaparecendo. —

Ei, os caras querem ir beber hoje à noite e eu estava pensando que seria justamente o que você precisa. Algumas bebidas, conhecer gente nova, é a melhor maneira de tirá-lo da mente. — Ele me deu aquele sorriso que eu amava.

Sorri, mas não me sentia alegre com a ideia. Eu queria passar a noite com Sam, mas a ideia ir a um bar lotado na véspera de ano novo, não me parecia das mais animadoras.

E mesmo se me forçasse a ir, seria uma péssima companhia, então me decidi. — Sabe o que? Vá se divertir com seus amigos. Acho que estou a fim de algo mais simples esta noite.

Sam soltou um suspiro de alívio.

— Graças a Deus. Eu estava pensando a mesma coisa. Ficar no frio congelante para entrar em um bar onde eu sequer consigo pensar não é minha ideia de diversão. Não tenho mais idade para isso. Vou mandar uma mensagem para eles e dizer-lhes que não vamos e nós podemos relaxar juntos.

Recusei-me a pensar sobre o que sua resposta estava fazendo com a minha pulsação enquanto ele tirava o casaco e calças de neve, revelando o jeans e o suéter por baixo.

— Que tipo de noite você tem em mente? — Perguntei.

Ele encolheu os ombros.

— Depende de você. Eu tenho que tomar um banho rápido e me aquecer, estou parecendo um picolé. Por que você não olha uns restaurantes por perto e faz uma reserva?

— Boa ideia. — Disse e Sam entrou no banheiro. Abri meu laptop e vasculhei a área próxima ao hotel. Isso seria ótimo. Uma chance de me desfazer de todo o constrangimento que se construiu entre nós nos últimos dias e manter a minha mente longe de Trevor.

Num lugar assim, quase todos os restaurantes eram chiques e no ano novo eu sabia que seria difícil conseguir reservas. Só não sabia que seria impossível.

Liguei para todos os lugares num raio de vinte quilômetros e cada um deles estava lotado.

— Droga. — Resmunguei, chateada quando desliguei o telefone ao falar com o décimo restaurante.

Sem esperança, saí da cama e coloquei o vestido preto simples de mangas compridas e meias pretas que trouxe para esta noite.

Sam saiu do banheiro já vestido com uma calça preta e um suéter verde esmeralda. O vapor seguiu-o para o quarto enquanto ele me dava um sorriso animado.

— Então, qual é o plano? — Perguntou, penteando com os dedos o cabelo ainda molhado. Ele parecia delicioso e levei um segundo para pensar numa resposta.

— Não temos um. — Admiti gesticulando com as mãos. — Todo os lugares estão reservados.

— Caramba. Eu deveria ter imaginado. — Sam disse de lábios franzidos. — Então, vamos até o bar do hotel tomar um drink por agora enquanto conversamos. O que acha?

— Beber sem comer é uma receita para...

— Uma grande noite? — Sam me cortou.

— Um desastre. — Eu terminei.

— Não seja boba. Se não tiver mesas livres para o jantar, vamos pedir serviço de quarto e assistir um filme. Vamos lá, uma bebida. Você tem que mostrar esse vestido um pouquinho.

Seu olhar caiu sobre o decote do meu vestido e mais abaixo antes de voltar rapidamente para cima e me encarar.

— Você está linda, a propósito.

Não foram as palavras educadas, foi seu tom rouco que me deixou mole.

Engoli em seco e resmunguei um baixo “obrigada” antes de segui-lo para o corredor.

Quando chegamos ao saguão, Sam pediu a minha vodca com refrigerante e um uísque para si, sentamos e observamos a multidão passando pelas portas do hotel, todos vestidos a rigor e prontos para a festa.

— Você tem certeza que não prefere... não está chateado? — Perguntei.

— De jeito nenhum. — Sam balançou a cabeça. — Eu te falei, o melhor lugar que poderia estar hoje é com você.

Uma emoção calorosa subiu pela minha espinha e sentei-me um pouco mais ereta, tomando a bebida assim que o barman a pôs na minha frente.

— Você lembra do último ano novo? — Sam sorriu.

Revirei meus olhos.

— Como poderia esquecer?

Eu fui a uma festa da empresa que Trevor trabalhava, por insistência dele, mas ele concordou que Sam pudesse ir conosco, então eu não ficaria sozinha enquanto ele fofocasse com os figurões. Trevor jurou que não demoraríamos. Depois de duas horas intermináveis de ouvir um monte de bundões se gabarem sobre o tamanho de suas contas bancárias – e outras coisas – Sam e eu fugimos para sua caminhonete e sentamos na cabine. Pela próxima hora, mais ou menos, vimos os fogos de artifício explodirem ao longo do Rio Hudson enquanto Sam tocava as músicas do CD de Natal que sempre mantinha no carro só para mim.

— Nunca vou entender por que colocou o CD de natal do NSYNC aquele dia. — Disse sorrindo, me sentindo estranhamente engasgada com a lembrança.

— Por causa de sua queda pelo Justin Timberlake.

— Minha o quê? — Exigi.

Sam riu.

— Você tem uma queda pelo Justin Timberlake. Quando ele casou, você ficou inconsolável e sempre faz questão de assistir quando ele está no *Saturday Night Live*.

— Faço questão de assistir porque ele é um excelente artista! — Protestei, parando para tomar um gole da bebida. — E eu não estava *inconsolável*. Não achava que ele e a

Jessica Biel combinavam, isso é tudo. — Adicionei resmungando.

— Você já disse isso muitas vezes e em voz alta.

— Porque ainda não entendo o que ele vê nela.

— Jessica Biel? Eu posso explicar isso para você. — Sam zombou.

Revirei meus olhos.

— Homens.

— O que? Ela é uma linda mulher, ela me lembra um pouco de você. Vocês têm o mesmo rosto em forma de coração, o cabelo castanho escuro e os olhos amendoados. Vocês poderiam ser irmãs.

Me arrepiei inteira. Sam quis dizer que Jessica Biel era gostosa? Isso significava que ele me achava gostosa também?

E lá vou eu, imaginando demais de novo.

— Então, só para esclarecer, isso significa que você acha que eu tenho uma chance com Justin Timberlake?

— Você teria que admitir que está a fim dele primeiro. — Sam tocou seu copo no meu e nós continuamos conversando, provocando um ao outro enquanto terminávamos nossas bebidas.

Acabamos tomando duas antes que a conversa se tornasse impossível devido à multidão. Eu paguei a conta sob os protestos de Sam e fomos até o quarto para folhear o menu do serviço de quarto.

Ao pisar no quarto, chutei meus sapatos e fui para a cama, onde sentei e abri o cardápio, lendo cada opção para Sam e ignorando a maneira que meu estômago rosnava com a simples menção de comida.

— Temos que pedir algo que Trevor nunca deixaria você pedir. — Sam lembrou-me com um sorriso. Um calor atravessou-me com a visão e eu desviei o olhar, com as bochechas em chamas. Isto estava começando a ser um problema. Se não parasse com isso, ele com certeza notaria e atrapalharia nossa amizade.

O pensamento me acordou instantaneamente e parei de olhar para ele, focando no cardápio novamente.

— Que tal lagosta e macarrão com queijo?

— Lagosta num estado de litoral no auge do inverno? Eu gosto.

Rolei meus olhos.

— Aposto que é incrível.

— Então peça. Você pode pedir o que quiser.

Sam pediu para nós, escolhendo um cheeseburger para si mesmo enquanto eu o observava. Ele subiu as mangas da camisa até seus antebraços musculosos.

Uma pontada de calor encheu meu coração e mordi meu lábio inferior, tentando decidir se falava para ele o que estava na minha mente. Sempre fomos honestos um com o outro antes. Talvez fingir que isto não estava acontecendo fizesse mais mal do que bem.

Saí da cama e peguei meu pijama da mala antes de ir para o banheiro.

— Volto já. Vou tirar minha maquiagem e vestir um pijama.

A propósito, eu sou uma grande medrosa.

Calei aquela irritante voz interior que parecia notavelmente com a de Dee e tirei o vestido. Depois que vesti meu pijama usual, shorts e camiseta, fiz uma pausa para me olhar no espelho, desejando que tivesse trago algo mais sexy.

— De jeito nenhum. — Falei para o meu reflexo. Não estava prestes a explodir uma amizade que cultivei desde a faculdade, não importa o quanto Sam estivesse fazendo meu estômago revirar.

— Você disse alguma coisa? — Ele perguntou de volta.

— Não, me desculpe. Só hum... estava falando sozinha. — *Boa resposta, gênio*.

Dei um suspiro e lavei e enxuguei o rosto, tentando novamente ter uma boa conversa com o espelho.

— Não é porque o seu relacionamento não deu certo, que você pode mudar tudo entre você e Sam. Recomponha-se, mulher. — Reafirmei.

Meu reflexo acenou para mim e, juntos, desligamos a luz do banheiro e voltamos para o quarto com um sorriso.

— O que aconteceu? — Sam perguntou arqueando a sobrancelha enquanto eu entrava. — Você demorou uma eternidade lá e agora está com o rosto sério.

— Não estou. — Eu ri.

— Não minta sobre o seu rosto. — Ele disse que maneira zombeteira.

Suspirei e dei de ombros. Se alguém me conhecia, era Sam.

— Certo, você me pegou.

— E sobre o que você está pensando?

— Eu só... Quero agradecer você. Por ser meu salvador o tempo todo. — Comecei a falar, sabendo que estava sendo frouxa, mas incapaz de dizer toda a verdade. — Parece que toda vez que preciso, você está disponível para mim e eu.... Não imagina o quanto significa para mim.

— Não seja boba, Mags. — Ele respondeu, me fazendo corar.

— É verdade. — Insisti. — Lembra quando meu primo ia se casar e Trevor me abandonou no último segundo? Você veio e me ajudou. E quando meu pneu explodiu em Maryland? Você saiu de Nova York para me ajudar. Nem todas as pessoas fariam algo assim.

— Por você, eles fariam. — Disse Sam, seus olhos azuis de repente fixos em mim.

Meu coração congelou no meu peito quando nossos olhares colidiram e engoli em seco, dominada pela explosão de emoções que me atingiu.

Não era apenas um olhar de amizade ou até mesmo devoção.

Não, o calor no seu olhar dizia muito mais que isso, e mesmo sem ser capaz de me ver, sabia que meus olhos estavam iguais. Uma guerra se travava dentro de mim, enquanto eu tentava pensar no que fazer. Mas quando estava prestes a falar, alguém bateu na porta.

Pelo que pareceu uma eternidade, ele não se mexeu e eu fiquei enraizada no lugar, sabendo que no segundo que o momento passasse, nunca mais retornaria. Em seguida, a pressão e a tensão me dominaram e minha boca se moveu antes que eu pudesse me conter.

— Eu... eu acho que nossa comida chegou.

A decepção em seus olhos era óbvia enquanto ele assentia e movia-se em direção a porta sem olhar para o outro lado.

Eu estraguei tudo. O que poderia ter sido a minha única chance de ver se o que estava sentindo por Sam era real, foi destruída pelo medo.

Já sentia o gosto amargo do arrependimento na boca.



Capítulo Oito

Sam

Filho da mãe.

Eu estava com fome. Morrendo de fome na verdade, mas naquele momento com Maggie, a última coisa que desejava era comida.

Abri a porta com força e um garçom sorridente cumprimentou-me.

— Feliz ano novo, senhor!

Senti-me instantaneamente mal por colocar a culpa nele, quando era exclusivamente minha. Tive mais de uma oportunidade para dizer a Maggie como me sentia e em vez disso continuei esperando um momento perfeito.

Não mais.

Me afastei e deixei o garçom colocar o carrinho para dentro, mas meus pensamentos estavam em outro lugar. A próxima abertura que tivesse, correria atrás. Se ela me

rejeitasse, sem problema, pelo menos poderia dizer que tentei. E se o jeito que ela olhou para mim antes fosse qualquer indicação, eu tinha uma chance melhor do que imaginava.

— O pedido foi lagosta e macarrão com queijo, um cheeseburger com batatas fritas, um pote de chocolate com creme, um cheesecake de morango e uma garrafa de Prosecco. Correto, senhor?

Assenti e peguei a conta, assinando meu nome com um floreio e adicionando uma gorjeta de vinte e cinco por cento no total.

— Obrigado e tenha um ótimo feriado. — Disse, levando-o até a porta.

Quando me virei, Maggie já estava levantando as tampas de prata, gemendo com a comida.

— Você ligou de novo e pediu sobremesa e champanhe? — Ela perguntou, com as bochechas rosa de prazer, fazendo minha ligação parecer uma vitória total.

Dei de ombros.

— É ano novo. Temos que ter champanhe.

Fui até o carrinho e respirei fundo. O cheiro amanteigado e salgado da comida de Maggie dominou meu hambúrguer... e minha boca salivou quando pensei na refeição que viria. Colocando as bandejas sobre a pequena mesa redonda no canto, passei para Maggie seu prato enquanto tomamos nossos lugares.

— Eu definitivamente vou experimentar o seu. — A avisei.

Ela riu. — Bom, porque eu estava planejando comer metade do seu hambúrguer.

— De acordo. — Disse.

Ela cortou o hambúrguer no meio antes de colocar metade em cada prato. Estourei o champanhe e servi as duas taças em cima da mesa.

— Me sinto como uma princesa. Serviço de quarto, champanhe e pay-per-view. — Ela levantou a taça para brindar. — Isso é que é vida.

— Apenas o melhor para a melhor pessoa — Levantei minha taça contra a dela.

Engoli parte do champanhe, tentando me distrair da visão de suas pernas nuas. Era perturbador e toda vez que ela se movia eu pegava outro flash de sua pele sedosa.

Forçando-me a me concentrar na comida, cavei meu garfo em seu macarrão com queijo e dei uma mordida. A suculência amanteigada da lagosta explodiu na minha boca, apenas ligeiramente temperada pelo suave queijo cremoso.

— Isso está incrível. — Apontei para o prato com o garfo.

Maggie deu uma mordida, rolando os olhos enquanto soltava um pequeno gemido de aprovação. Meu pau se contorceu com o som e o olhar de pura satisfação em seu rosto, desloquei-me no lugar e dei uma mordida do meu hambúrguer.

Mesmo agora, apesar da minha decisão, não pude deixar de pensar no que teria acontecido se a comida não tivesse chegado quando chegou. Se aquele seu olhar suave teria permanecido enquanto ela atravessava o quarto em direção a mim.

Em minha imaginação, ela levantaria os braços enquanto tirava a camisa, jogando-a no chão. Então nós ultrapassaríamos um ponto sem retorno, finalmente ambos prontos para admitir a coisa que eu sabia há quase oito anos.

Que éramos feitos um para o outro.

— Sabe o que eu não entendo? — A voz de Maggie arrastou-me de meus pensamentos.

— O quê?

— Você terminou com Melanie e nem me contou, mas eu termino com Trevor e, de repente, o mundo inteiro para.

Pisquei, focando nela mais atentamente. Eu poderia explicar isso, mas "*Eu nunca me importei com nenhuma das meninas que estive desde o dia que nos conhecemos*" parecia ser um pouco demais para o momento. Em vez disso, coloquei uma batata na boca... e tentei parecer indiferente. — Bem, separações de oito anos e seis meses são bastante diferentes.

— Sim, mas não foi assim com Yolanda. Lembra que fomos a um bar e ficamos bêbados no cinema quando você terminou com ela?

Revirei meus olhos.

— Nós ainda estávamos na faculdade. Para ser justo, por um tempo, pensei que ela poderia ser a mulher certa para mim.

— E por que não era?

— Além do fato de que ela me deixou? — Revidei.

A sobrancelha de Maggie arqueou, confusa.

— Ela te deixou? Você sempre me disse...

— Eu sei. Merda. — Soltei outro xingamento baixo. Não estava saindo como tinha planejado, mas não podia mentir para ela. Não mais. — Sim, ela me deixou.

— O quê? — Ela me fuzilou com o olhar enquanto segurava o garfo na minha direção. — Então você não tem um histórico perfeito de "nunca ter sido rejeitado" afinal? — Maggie exigiu.

Levantei uma sobrancelha e dei de ombros.

— Acho que não. Uma vergonha, certo?

— Então por que ela te deu o fora? Ela pelo menos lhe deu uma razão?

Fui vago.

— Foi por isso que eu... intencionalmente menti. Não queria você discutindo com ela.

— Discutir com ela? — Uma gargalhada explodiu de seus lábios. — Foi assim tão ruim?

— Depende. Ela disse que não estava interessada em ficar de escanteio por causa de você.

O garfo de Maggie caiu no prato.

— Ficar de escanteio? — Ela piscou, sacudindo a cabeça lentamente. — Ela não estava de escanteio por minha causa. Eu sempre fui muito respeitosa com seus relacionamentos.

— Não se sinta mal, Mags. Sei que você sempre foi muito atenciosa. O problema dela era comigo, não com você. Ela pensou... — Tentei encontrar as palavras certas. Que não fossem assustá-la. Mas não havia nenhuma outra maneira de contornar isso. — Ela pensava que você vinha em primeiro lugar para mim. Em vez dela.

Maggie pegou o garfo novamente, observando-o como se ele tivesse todos os segredos do universo.

— Posso imaginar alguém terminando por esse motivo. Mas eu gostava dela e me sinto mal por ela ter se sentido assim.

Dei de ombros.

— Não era ela, Mags. Ela era superficial e não suficientemente séria.

Maggie deu uma mordida no hambúrguer e gemeu.

— Oh meu Deus, isso está incrível. — Ela murmurou, com a boca ainda parcialmente cheia enquanto mastigava. — Você experimentou?

Eu ri.

— Sim, está uma delícia, não é?

— Melhor do que sexo. — Ela disse, inclinando-se para dar uma mordida maior e me dando uma visão completa de seu decote em v.

Olhei de relance, não querendo invadir sua privacidade, mas com seus gemidos encantados pela comida enchendo o quarto, precisei me mover no meu lugar para sufocar a necessidade de ouvi-la gemendo e ofegando por mim em vez de um hambúrguer de segunda categoria.

— Você mudou de ideia quanto a esquiar? — Murmurei, lutando para mudar a conversa de assunto.

Ela balançou a cabeça.

— De jeito nenhum. Mantenho a minha decisão. Esquiar é uma armadilha mortal.

— Acho que você gostaria se apenas desse uma chance.

— Há muitas coisas que eu gostaria, mas que nunca vou tentar. Paraquedismo. Bungee jumping. Nadar com tubarões famintos.

— Por que os tubarões têm que estar com fome?

— Porque qual seria a diversão com tubarões bem alimentados? — Ela atirou de volta. — Falando nisso, me lembrei de algo. — Maggie afastou-se da mesa, esquecendo a comida completamente. — Eu trouxe algo comigo. Sei que você disse que deveria esperar até seu aniversário e tudo, mas agora é tipo um presente de agradecimento. Por tudo que você fez por mim. E faz mais sentido entregá-lo agora do que mais tarde.

Ela pegou sua bolsa e tirou uma sacolinha vermelha com papel de seda azul.

— Cores de New York Giants. — Sorri.

— Sempre. — Entregou-me a sacolinha. — Agora abra. Acho que você conseguirá usá-las.

Abri e encontrei um novo par de luvas de esqui e um gorro de malha correspondente, em azul e vermelho – cores do meu time.

— Acho que você já tem seu outro conjunto a muito tempo e talvez seja necessário algo novo. As luvas são de primeira qualidade e eu tricotei o gorro.

— Serio? — Perguntei, encarando o gorro em minhas mãos em reverência genuína. Nem ao menos parecia um gorro. E tendo em conta que Maggie vinha tentando aprender a tricotar desde o dia em que nos conhecemos, com um armário cheio de falhas para provar isso, eu sabia exatamente o quão significativo era este presente.

Fiquei de pé e peguei-a em meus braços sem pensar duas vezes.

— Isto é incrível. Obrigado.

Seus braços abraçaram minha cintura facilmente, enchendo-me com seu calor quando ela deitou a cabeça contra meu peito.

— Não, eu que agradeço, Sam. Não sei o que faria sem você.

Ela recuou um pouco e olhou nos meus olhos. Aquela mesma suavidade de antes havia voltado e meu coração disparou no peito, mandando sangue sibilante para meus ouvidos, meus pulsos e para a parte de baixo.

— S-Sam? — Maggie murmurou, a voz dela era apenas acima de um sussurro e naquele momento eu sabia que tinha a minha chance.

Me curvando, segurei sua bochecha com uma mão e trouxe minha boca perto da dela. Ela não se afastou e tomei isso como um sinal de aprovação, então pressionei meus lábios nos dela.

O beijo estava hesitante no início. À procura. Uma pergunta mais do que uma resposta, mas quando seus olhos se fecharam, a abracei mais apertado.

E naquele momento? Foi tudo e muito mais. Todas as fantasias que tive ao longo de todos esses anos surgiram a vida enquanto Maggie desmoronava em meus braços, flexível, responsiva e doce. A língua explorou a minha e eu gemi quando a necessidade pulsou através de mim.

Trouxe-a mais perto, pressionando meu corpo contra o dela, divertindo-me com a sensação de suas curvas suaves pressionado contra mim. Jesus, ela era como eu sabia que seria. Como a peça que faltava do quebra-cabeças da minha vida. O lugar dela era em meus braços.

Um som estridente soou no ar e, por um segundo, pensei que era só o sangue correndo em minhas orelhas. Mas como continuou, percebi que era um celular.

O celular da Maggie.

Me afastei e ela olhou para mim, olhos arregalados, a respiração de nós dois em suspiros.

Um segundo depois, o barulho parou, mas o estrago estava feito. Eu acordei do que pareceu ser apenas um sonho e fui atingido no rosto por uma dose de realidade.

De repente, após anos de espera, Maggie queria me beijar e eu aceitei sem nem pensar. Era como se nunca tivesse assistido uma comédia romântica antes. Nunca tivesse visto uma ficada de vingança. Mas aqui estava eu, o grande e adorável amigo, preparando-me para cair de cara. E eu não tinha ninguém para culpar além de mim mesmo.

— Me desculpe. — Disse, minha voz ainda rouca de tesão. — Eu.... Preciso de um minuto.

Enfiando as mãos no bolso, saí do quarto tão rapidamente quanto minhas pernas me levaram, deixando uma Maggie boca aberta para trás.



Capítulo Nove

Maggie

Dei uma olhada no relógio e gemi, deitando-me de volta na cama.

O que aconteceu? Quero dizer, eu sabia o que tinha acontecido. Sam me beijou e em seguida o celular nos interrompeu, mas caramba... Por que ele fugiu?

Cansada de olhar para a porta e esperar por ele abri-la, liguei a TV e vi a multidão de curiosos na Times Square.

Faltavam exatamente vinte minutos para a meia noite. A minha única dúvida era se Sam estaria aqui quando ela chegasse. Afinal, já se passaram quase meia hora desde que ele fugira daqui como o diabo foge da cruz.

Mas não podia culpá-lo. Aquilo me tonteou também.

A paixão e intensidade naquele beijo foram quase esmagadoras.

As palavras que todos falaram nos últimos dias inundaram minha mente. A mulher no avião, a senhora da loja, até minha melhor amiga. Elas foram capazes de ver algo que eu não vi.

E agora que estava aqui, na minha frente?

Não conseguia descobrir como nunca notei isso antes.

Como Sam olhava para mim, a maneira que ele estudou comigo e me manteve a salvo. O jeito que ele me fazia rir. Agora que nós tínhamos nos beijado? Parecia tão óbvio que nós éramos duas metades de um todo, que eu havia sido estúpida — ou distraída demais — para notar. Yolanda, Trevor, Dee... provavelmente até os inseparáveis Peter e Jeremy descobriram antes de mim.

Mas agora que eu sabia? Que ainda sentia os seus lábios quentes na minha pele? Não me importava com mais nada. Só queria recuperar o tempo perdido.

As minhas preocupações queimaram no esquecimento pelo fogo entre nós. Já não ligava para como isso afetaria nossa amizade, ou como desperdicei oito anos, quando o homem certo estava na minha frente desde o início. Eu queria Sam e as únicas perguntas que permaneceram foram para onde ele foi, quando ele estaria de volta, e, mais importante, se ele me beijaria daquele jeito de novo.

Com o coração sibilante em meu peito, peguei meu celular da mesa de cabeceira e olhei para o número da chamada perdida.

Trevor, porra, ainda atrapalhando minha vida, só que a distância agora. Eu passei pelo nome dele e digitei o número de Dee mandando uma mensagem.

Sam me beijou.

Olhei para as palavras simples, meu coração pulando como se eu tivesse dezesseis anos novamente e o beijo fosse a coisa mais maravilhosa que eu poderia imaginar.

Com uma respiração profunda, enviei a mensagem, me joguei de volta na cama e olhei para o teto.

Nem mesmo dez segundos depois o meu celular tocou.

O peguei, toquei a tela e trouxe-o para a orelha e recuei quando Dee gritou na linha.

— Oh meu Deus! Os dois idiotas finalmente se acertaram! Eu sabia, eu sabia que isso aconteceria. Diga-me, você o beijou volta? — Ela gritou emocionada.

— Beijei. — Respondi, tentando soar muito mais calma do que me sentia.

— E? — Dee perguntou — Como foi?

— Foi... — Não pude evitar. Dei um gritinho de prazer. — Foi incrível. Foi tão suave, mas firme e sexy e... Não sei. Foi só muito Sam.

— Aposto que foi. — Eu podia ouvir o sorriso na voz de Dee. — Então a pergunta é por que você está perdendo seu tempo me ligando? Não tem alguns, sabe, assuntos a tratar?

— Esse é o ponto, no segundo depois que nos beijamos, ele fugiu daqui como ele fosse Bruce Wayne e tivesse recebido um Bat sinal.

— Por que ele fugiu? — Dee perguntou, parecendo perplexa.

— Não faço ideia. Por isso que liguei para você. — Contrapus com uma risada aflita. — Acho que ele sente como se tivesse cometido um erro, talvez.

Não foi até que disse as palavras em voz alta que percebi o quanto esse pensamento me apavorava. E se fosse isso? E se fosse errado para ele, apesar de eu saber que nada nunca foi tão certo?

— Apenas dê-lhe um segundo para processar. Isso é novo para os dois. Ele provavelmente estava resignado a você e Trevor e agora de repente, vocês estão rompendo a barreira da amizade e dando uns amassos. Ele vai se tocar em breve. Quando você viu Sam não fazendo a coisa certa?

— E a coisa certa é...? — Perguntei.

— Voltar para o hotel e não sair da cama até criar calor o suficiente para derreter aquela montanha. — Dee disse sorrindo. — Confie em mim. Ele vai voltar.

Nós nos despedimos, mas mesmo depois de desligar, eu mantive as palavras de Dee perto do meu coração, como um desejo secreto.

Ele voltará.

Eu tinha esperança de que ela estivesse certa.

E quando ele chegasse aqui?

Desta vez, estaria pronta para ele.



Capítulo Dez

Sam

O que eu estava fazendo aqui fora?

Além de congelar meu saco, é claro.

Do terraço do hotel, olhei para as montanhas à distância, minha respiração era um nevoeiro branco na minha frente. Eu estava aqui com as mãos enfiadas nos bolsos como um idiota, enquanto a garota dos meus sonhos estava sentada num quarto de hotel a alguns andares de distância se perguntando o que diabos aconteceu.

O som do riso invadiu meus pensamentos e eu olhei para baixo, para um grupo de pessoas nos seus vinte e poucos anos se movendo de bar em bar, provavelmente em busca daquele beijo da meia-noite ou de um caso de uma noite.

Eu fui um daqueles caras atrás de diversão rápida, fácil e sexo sem compromisso para preencher o tempo. Mas agora?

Era a última coisa na minha mente.

No segundo que toquei Maggie eu soube que não seria capaz de parar até tê-la. A necessidade estava me consumindo e esse negócio de amor estava me assustando para caramba.

Essa era a verdadeira razão pela qual fui parar no terraço.

Eu cruzei a linha e mostrei a ela meus verdadeiros sentimentos e tudo o que acontecerá a seguir vai afetar nossa relação pelo resto da vida. E se isso fosse apenas um momento de fraqueza para ela? Se déssemos o próximo passo... e amanhã, à luz do dia, ela se arrependesse?

Isso me mataria.

Isso foi uma péssima ideia. No segundo que nossas bocas se tocaram, eu soube. Se a amava antes, depois que vi como nossos corpos se encaixam? As coisas que aqueles lábios me fizeram sentir e querer? Eram um novo nível. O que significava que, se desse errado, eu me machucaria muito. Seria o tipo de dor que arrasta você para o fundo do poço, eu sabia que ninguém jamais se compararia a ela.

O vento soprou e eu estremeci, sacudindo meus ombros contra a rajada.

No que ela estava pensando lá embaixo sozinha? Estava provavelmente tão confusa quanto eu. Ela sempre foi cautelosa, medrosa até, sempre verificando as estatísticas. Eu era o que arriscava, que gostava do perigo e Mags era o anjo ao meu lado, certificando-se de que eu fosse cuidadoso.

Foi só então, enquanto olhava a enorme montanha que desci esquiando mais cedo, que a verdade me atingiu como um balde de água fria.

O que realmente eu estava fazendo aqui fora? Quando deixei o medo me segurar? Eu era o cara que não queria perder nada. O que arrisca. E em vez de correr o risco mais importante da minha vida, eu estava aqui no frio na véspera de ano novo em vez de dizer à mulher que amava como me sentia.

E ainda melhor? Baseado na forma que ela me beijou? Eu tinha uma chance real de ter tudo o que sempre quis.

Maggie, totalmente minha.

Aquele beijo, quente e doce, solidificou tudo para mim. Maggie não era só uma garota que eu estava a fim. Ela era o meu para sempre. E quanto mais tempo eu ficasse aqui, mais dava tempo de ela duvidar do que eu já sabia ser verdade – que somos feitos um para o outro. Ela estava disposta a arriscar. Eu nunca me perdoaria se fosse o único a se acovardar.

Determinado, voltei para o calor do hotel e esfreguei as mãos antes de chamar o elevador. Não sabia o que diria quando que chegasse no quarto, mas precisava correr o risco. O que for para ser, será. As consequências que se danem.

Saí do elevador e fui para o quarto, pegando a chave do quarto do bolso. Abri e entrei, batendo suavemente enquanto entrava para não a assustar.

Não fez diferença, ela estava deitada na cama, mas seus olhos estavam fixos na porta. Nossos olhares colidiram instantaneamente. Seus olhos se arregalaram enquanto ela me observava e então Maggie ofereceu-me um sorriso tímido.

— Você voltou. — Ela disse.

Ela trocou o shortinho e a blusa pelo roupão do hotel e custou-me muito não cruzar o quarto e arremessar aquele tecido ao chão. Mas precisávamos conversar primeiro.

Soltei uma respiração profunda.

— Olha, eu quero pedir desculpas.

— Não precisa...

— Mas pedirei. Peço desculpas pela maneira como agi.

Maggie pareceu surpresa por um momento, mas depois lentamente assentiu, com o rosto cheio de uma tristeza que foi como um soco na barriga.

— Não, não, realmente, está tudo bem. Compreendo perfeitamente. Foi o calor do momento. Ano novo e tudo... Podemos esquecer o que aconteceu e voltar ao que era. Está tudo bem.

— Voltar? — Franzi a testa para ela, meu estômago gelando a cada palavra que dizia. Levei um segundo para perceber que ela me entendeu mal. — Ah, não, Mags. Não me arrependo de beijar você. Me desculpe por deixá-la aqui todo esse tempo enquanto pensava sobre isso.

Me aproximei um pouco mais da cama.

— A verdadeira questão é, você lamenta eu ter te beijado?

Ela lambeu o lábio e depois balançou a cabeça outra vez.

— Não, não lamento. Mas, se você não se arrependeu, então por que saiu?

Passei a mão pelo meu cabelo.

— Porque você não é alguém que posso apenas foder e ficar bem com isso. Você... é tudo. E quanto mais eu beijei você, mais difícil seria me controlar. Não quero apressá-la. Você acabou de terminar com alguém. Isto... os sentimentos entre nós? É tudo novo para você.

— Está tudo bem. Podemos resolver isso juntos. Isso é novo para nós dois. — Ela corrigiu, a tristeza já não tão presente em seus olhos.

Joguei de a cabeça para trás e dei uma gargalhada dura.

— Não.

— O que está você dizendo? — Ela perguntou, sua testa franzida mostrando confusão.

Era o momento do tudo ou nada e eu não estragaria tudo desta vez.

— Estou dizendo que te amei cada segundo de cada dia desde que você me deu o primeiro desenho na aula de espanhol.

Ela riu no início, mas quando viu minha expressão séria, o riso morreu e a verdade apareceu em seus olhos.

— Sam.... Isso foi há oito anos.

— Eu sei exatamente quanto tempo faz. — Dei mais um passo em sua direção e a coloquei de pé, pegando-a em meus braços até que seus seios estavam pressionados contra o meu peito. — Sei exatamente quantas noites passamos em camas separadas. Sei exatamente quantas manhãs acordei sem você ao meu lado. E, o que estou dizendo, Mags, é que cansei de esperar.

Enterrando a mão em seu cabelo, me abaixei e lhe dei um beijo suave nos lábios, amando a sensação da sua língua saindo e me implorando por mais.

Balancei minha cabeça.

— Eu não posso fazer amor com você esta noite até que saiba o que você está pensando.

Maggie procurou o meu olhar.

— Estou em choque, para ser honesta. — Ela mordeu o lábio inferior e eu podia sentir seu corpo tremer contra o meu. — Sabendo que você está... que você... todo esse tempo? E eu nunca soube. Além disso, as coisas acabaram de terminar com Trevor. Como eu pude ser tão cega? E se eu estragar tudo?

Esta era a Mags que eu conhecia. Maggie cautelosa. Maggie cuidadosa. Mas se alguma vez ela deveria confiar em mim, era agora.

— Ele não era para você. — Fiz um gesto entre nós e passei meu polegar em seu lábio inferior. — Isso é o certo.

— Acho que eu sei. — Ela murmurou. — Pelo menos, parece tão natural. Tão óbvio. Acho que estou apenas com medo.

— De quê?

— De mim. E você. Estes sentimentos. — Ela balançou a cabeça. — Há tantas coisas que admiro... que amo em você. Seu talento e senso de aventura e o modo como você cuida de mim. Você é um homem melhor do que mereço.

— Ninguém na Terra é bom o suficiente para você. — Beijei-a novamente, desta vez permitindo um beijo mais profundo, pude provar o doce do champanhe em seu hálito. E assim que caímos nos braços do outro?

Não havia como parar o momento. Lentamente, Maggie guiou-me para a cama e, quando seus joelhos tocaram o colchão, perguntei-lhe novamente. Só para ter certeza.

— O que você quer, Maggie?

— Você, Sam. Sempre você.



Capítulo Onze

Maggie

Eu fiquei esperando que fosse estranho. Por um de nós rir desconfortavelmente ou pelos meus dedos tremerem enquanto eu desatava o nó que fechava o meu roupão. Em vez disso, tudo parecia tão... perfeito.

Como se este fosse um momento que estivéssemos construindo a há anos, um ritmo que já conhecíamos.

Com os olhos de Sam em mim, me senti segura, admirada e sexy de uma maneira que ninguém nunca me fez sentir. E, quando ele caiu de joelhos diante de mim, respirei fundo e soube que isto era o que eu queria, o que desejava mais do que tudo no mundo. Estar com ele. Total e completamente com ele.

Ele empurrou meus dedos desastrados de lado, pegando o cinto do roupão e afrouxando o nó com precisão. Antes de retirar o roupão de mim, Sam tirou a própria camisa,

agraciando-me mais uma vez com a exibição de seu peito perfeitamente esculpido.

— Você é incrível. — As palavras escorregaram de meus lábios e ele olhou para mim de novo com um leve sorriso.

— Não tão incrível quanto você. Venha aqui.

Com o coração na garganta, assenti e seus dedos calejados tocaram o espaço entre os meus seios, empurrando meu roupão de lado até que caiu sobre a cama e fiquei nua para ele. O frio do quarto do hotel não fez nada para acalmar o fogo em meu rosto quando Sam olhou para mim. Respirei fundo e me preparei para ele.

— Deus, você é ainda mais bonita do que eu imaginava. — As pontas dos dedos tocaram minha clavícula, a curva dos meus seios, meus mamilos endurecidos e o meu estômago, enquanto ele me estudava como a uma fina obra de arte. Eu tremia de desejo, o calor de sua pele queimava meu corpo me fazendo implorar por mais.

Mas eu sabia que assim como o resto de nosso relacionamento, isso levaria tempo. Que este seria apenas o começo.

Sam ficou de pé novamente.

— Não se mexa. Só quero olhar para você. — Ele sussurrou.

Engoli em seco, o calor de seu olhar dando-me coragem.

— Eu, inteira? — Perguntei, deitada nua diante dele.

O olhar tomou-me ainda mais e suas pupilas se dilataram. Ele me ofereceu um outro sorriso.

— Caramba, você é a mulher mais sexy do mundo. Mas sinto que estou ficando para trás.

No começo não entendi o que quis dizer, mas então Sam tocou o botão da calça jeans. O abriu rapidamente antes de continuar com o zíper. Com um movimento firme, abaixou a cueca e a calça e permitiu que seu enorme comprimento ficasse livre.

Caramba, Sam é bem-dotado.

Prendi a respiração de novo. Ele me desejava, isso estava muito claro, mas eu nunca estive com um homem tão... grande antes.

Minha boca encheu de água e lambi meu lábio inferior antes inclinar-me para ele, pronta para levá-lo na boca e provocar a cabeça inchada com minha língua.

— O que você acha que está fazendo? — Ele murmurou com os dentes cerrados. — Eu disse para ficar quieta.

— Mas eu quero... — Minha voz falhou e olhei de novo para seu pau latejante.

Ele balançou a cabeça.

— Hoje não, linda. Esta noite, eu quero fazer todas as coisas que passei anos desejando e me recuso a deixá-la tirar isso de mim. Agora vá para a cama e espalhe essas coxas para mim outra vez.

Sangue sibilou em meus ouvidos, mas fiz como me foi dito, tremendo de antecipação.

— Vá para o fim da cama e abra as pernas. Assim. — Ele fechou uma mão sobre minhas coxas e guiou-me para baixo no colchão gelado e então separou minhas pernas com as palmas das mãos ásperas. Eu ofeguei com seu aperto certo... seu toque conhecedor.

Isso seria gostoso. Muito gostoso.

Ele afundou-se novamente de joelhos e pude sentir o calor de sua respiração na minha pele.

— O que você está...? — Perguntei, levantando-me nos cotovelos para avistar sua expressão séria.

— Quero te provar. — Sam disse simplesmente, e para provar seu ponto, levou a boca para o interior da minha coxa e chupou o espaço lá até que soltou a pele com um suave *pop*. Sua língua estava cautelosa enquanto ele lambia e mordiscava minha coxa, se aproximando mais e mais da minha boceta com cada passo. Não pude me controlar, quando ele estava a centímetros de distância, meus quadris se impulsionaram. Nunca me senti tão selvagem. Tão dolorida.

Ele soltou um gemido baixo.

— Você pode ser paciente para mim, amor? — Perguntou, sua voz mais grossa do que já ouvi antes.

Meu corpo rugiu de desejo, mas dei-lhe outro aceno.

— Posso ser paciente.

— Bom. — E como recompensa pela minha aceitação, ele rodou meu clitóris muito delicadamente com a língua, me fazendo jogar a cabeça para trás enquanto meus joelhos tremiam.

Minha boceta estava pulsando, implorando para ser preenchida e enquanto ele me provocava, fechei os olhos, concentrando-me apenas em sua língua que se movia para cima e para baixo, provocando-me antes de finalmente fechar seus lábios sobre os nervos pulsantes. Sam rodou a ponta da língua em volta de meu clitóris, rosnando de satisfação, enquanto construía um incêndio dentro de mim.

— Perfeito. — Murmurei ofegante. — Você é perfeito.

— Não tem ideia de há quanto tempo eu queria fazer isso. — Sua voz rouca respondeu e eu enrolei meus dedos em seu cabelo castanho desgrenhado quando ele mergulhou novamente, amando cada centímetro meu com sua carícia suave. — Quantas vezes sonhei isso.

— Deus, você tem um gosto incrível. — Acrescentou antes de passar a língua contra mim, em uma rápida lambida.

— Quero você dentro de mim, Sam. Estou enlouquecendo. — Falei.

Em resposta, ele empurrou um longo dedo lentamente na minha boceta, liberando um pouco da tensão crescente. Mas não o bastante e meus quadris se elevaram, tentando forçá-lo a ir mais fundo.

— Sim. — Assoviei e ele me penetrou repetidamente, combinando o ritmo com o movimento da língua. — Você é muito bom nisso.

Com cada penetração, estava a um passo mais perto do limite, pronta para saltar para o meu orgasmo, mas estava bom demais para acabar tão cedo. Quando gozasse, queria que fosse com Sam dentro de mim, queria que ele sentisse cada fluxo e refluxo do meu corpo enquanto enlouquecia em seus braços.

— Eu preciso de você. — Disse, puxando seu cabelo enquanto resistia a seu toque. — Por favor Sam, preciso de você dentro de mim.

Ele se afastou e estudou-me com seus olhos suaves.

— Deite-se na cama, linda. — Ordenou e fiz o ele disse, lutando com as almofadas enquanto Sam ficava de pé

— Tem certeza que está pronta? — Ele perguntou, e novamente meu olhar caiu sobre seu comprimento enorme, inchado e esperando por mim.

Balancei a cabeça.

— Vá devagar comigo. Você é, hum, muito maior do que eu esperava...

Ele deu um sorriso preguiçoso e sua mão direita desceu para segurar seu pau, acariciando lentamente.

— Vou tão devagar quanto quiser.

Sam se juntou a mim na cama e então hesitou.

— Porra. — Ele xingou baixinho.

— Qual o problema? — Perguntei, em pânico. Ele não mudou de ideia, mudou?

— Eu não trouxe preservativos.

Soltei o ar dos pulmões com um suave suspiro de alívio.

— Estou tomando pílula.

Seus olhos se iluminaram e o pulso em seu pescoço ficou visível.

— E você tem certeza que quer…

— Tenho certeza. Preciso de você, Sam. Quero tudo de você.

Seus olhos pareciam ficar mais escuros enquanto ele chegava mais perto.

Abri minhas pernas para ele assim que se posicionou entre as minhas coxas.

— Você é linda aqui em baixo. — Sam murmurou. — Muito bonita, cor de rosa e molhada.

— Tudo para você. — Sussurrei.

Se segurando, Sam empurrou dentro de mim centímetro a centímetro. Foi um choque no começo e meu corpo apertou-lhe enquanto se esforçava para acomodá-lo, mas não demorou muito antes da dor tornar-se puro prazer. Deixei escapar um silvo de satisfação, amando a plenitude de senti-lo dentro de mim, de saber que nada ficava entre nós.

Caramba, sexo nunca foi tão gostoso e ele nem mesmo estava fazendo algo ainda. Nós apenas nos encaixamos.

Não querendo me segurar, embrulhei minhas pernas ao redor de Sam, flexionando os quadris junto aos seus com cada golpe suave. O movimento abalou-me profundamente, lentamente deixando-me louca.

Eu queria mais, precisava de mais, mas sabia que Sam não faria de outra maneira. Comigo, ele queria todo o tempo, desfrutar de meu corpo e eu queria aproveitá-lo.

Adorei o peso dele pressionado contra mim, sentir meus seios contra seu peito quente, sentir meus braços enrolados em seu pescoço. Caí na doce sensação de seu beijo.

Não fazia ideia de quanto tempo ficamos assim, beijando e balançando juntos, amando cada pico e o vale do nosso desejo, mas após o que pareceram horas, Sam mordiscou minha orelha e seus movimentos ficaram mais rápidos, seus impulsos mais profundos... mais duros.

— Porra, você é gostosa. — Resmungou. — Não posso esperar mais. Você vai gozar para mim?

Ofeguei, calor descendo na minha barriga e se espalhando.

— Sam, eu...

Mas palavras tornaram-se impossíveis quando meu corpo instintivamente tenso chegou tão perto do clímax.

— Sim, é isso.

Acenei freneticamente, fechando meus olhos, minhas paredes tremendo enquanto ele assumia o comando total de

mim, empurrando meu corpo ao limite com os nossos quadris colidindo, longa e duramente a cada segundo.

E então eu estava no limite, caindo no abismo enquanto o nó na minha garganta se soltava e ondas de prazer me atingiram. Perdida no oceano da minha própria libertação, abracei-o mais enquanto ele gemia suavemente meu nome e então Sam enrijeceu em cima de mim, enchendo-me com jatos quentes. Meu mundo parecia falhar e meu corpo doía com a felicidade da pura libertação.

— Uau. — Sussurrei. E droga, eu quis dizer isso. Estávamos no começo, não tínhamos nem aprendido ainda sobre os corpos um do outro e mesmo assim foi a experiência mais sublime da minha vida.

Porque eu estava com Sam.

— Feliz ano novo. — Ele sussurrou e se inclinou, beijando a ponta do meu nariz.

— Feliz ano novo. — Respondi, aconchegando-me mais perto para absorver o calor reconfortante de seu corpo.

Ele olhou para o relógio.

— É meia noite e quarenta.

— Nós perdemos a virada.

— Perdemos? Eu acho que foi a melhor forma de começar um ano novo. — Ele disse sorrindo.

— Sim. — Concordei, traçando os músculos de seu peito com a ponta do dedo. — Eu também.

— Você sabe que eu te amo, Mags? — Ele disse, seus olhos cheios de amor.

Concordei, à beira das lágrimas. Levei um segundo para responder, engolindo o nó da minha garganta.

— Eu sei. Você sabe que também te amo?

— Sei agora. — Disse ele, o sorriso radiante em seu rosto me emocionando.

A resolução deste ano?

Acordar com aquele sorriso pelo resto da minha vida.



Epílogo

Maggie

Durante meses esperei nervosamente algo dar errado. Como se, do nada pudéssemos olhar um para o outro com arrependimento ou ter o desejo das coisas como costumavam ser.

Mas não importava quantas vezes observasse, aquele sentimento nunca veio.

Todos os dias com o Sam eram melhores do que os anteriores e todas as coisas que eu amava sobre nossa amizade antes, se tornaram muito melhores por passarmos mais tempo juntos e cairmos facilmente nos braços um do outro. No espaço de dois meses, fomos morar juntos, dividindo meu estilo eclético e acolhedor com o gosto mais elegante de Sam, e no final de um ano, estávamos casados.

Ou melhor, no dia de ano novo do ano seguinte.

E agora, estávamos de férias para comemorar o nosso segundo aniversário aproveitando a quente brisa havaiana enquanto íamos para o nosso quarto.

— Tem certeza que não preferia ter ido para um lugar frio? — Perguntei. Eram nossas primeiras férias desde a lua

de mel e naquela época voltamos para o Colorado, embora nós tenhamos passado a maior parte do tempo escondidos no hotel. Minha pele ainda vibrava com a lembrança.

— Positivo. Acho que você já teve que lidar o suficiente comigo esquiando por um tempo.

Respirei aliviada. Fora difícil vê-lo descendo a montanha como um lunático quando éramos apenas melhores amigos. Como esposa? Era quase insuportável.

Mas eu fiz isso e nunca reclamei... bem, quase nunca. Porque esse espírito selvagem era o que nos rendia felicidade. E cara, era bom.

Olhei ao redor, verificando todos os hibiscos em vasos vibrantes e respirando o ar perfumado.

Não pude negar uma pontada de arrependimento quando pensei nas ruas da cidade brilhante com neve em casa. Fora um ano seco até agora e não havia nevado até o momento que o avião decolou. Agora, Nova York parecia que estava coberta de açúcar e eu estava apenas com um pouco de inveja.

Empurrei o pensamento para longe revirando os olhos internamente. Temos anos de inverno juntos e tudo que eu precisava para ser feliz era Sam. Combinado com uma margarita na praia, seria o paraíso.

— Eu tenho uma pequena surpresa para você. — Sam disse assim que chegamos ao andar do nosso quarto no hotel.

Meu rosto caiu com suas palavras. Eu não havia trago nada para ele.

— Nós concordamos...

— Prometemos sempre não ter presentes. — Ele cortou sorrindo. — E você sempre consegue me presentear de qualquer maneira. Mas desta vez? Acho que finalmente peguei você.

— Pegou? — Levantei minhas sobrancelhas.

Sam foi até a porta e abriu-a bem a tempo de eu ouvir as suaves notas do álbum de natal do NSYNC.

Eu ri, deixando cair a mala enquanto cobria a boca com a mão. Pendurados no teto, havia mil flocos de neve de papel minúsculos e a palmeira no canto estava adornada com luzes de Natal, uma caixa embrulhada embaixo. Era uma maravilha de inverno.

— Mas o Natal já passou. — Disse, minha voz mais trêmula do que eu esperava.

Sam fechou a porta atrás de nós.

— Nunca para você e sei que você ama a neve. Então, apesar de querer vê-la naquele biquíni que você comprou, o mais cedo possível, pensei que poderíamos ter o melhor dos dois mundos.

— Não acredito que você fez tudo isso para mim. — Funguei.

— Amor, eu faria qualquer coisa por você. Agora, você não quer abrir seu presente?

Dei-lhe um aceno trêmulo e em seguida peguei a caixa vermelha do chão e coloquei-a na cama. Cuidadosamente, tirei o laço e rasguei o papel até que encontrei todos os meus DVDs de Natal dentro.

— Eu pensei em hoje à noite termos uma pequena maratona. Serviço de quarto e banho quente.

Segurei seu rosto e puxei-o para baixo para me beijar. — Você é o homem perfeito. Eu te amo.

— Eu também te amo, linda. Sempre amei. Sempre amarei.

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).